



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Um Olhar Positivo sobre a Inserção de Jovens Imigrantes no Tecido Social e Escolar Português: O Caso dos Filhos da Segunda Geração de Imigrantes Cabo-verdianos

Eliane Lopes da Graça

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Economia e Políticas Públicas

Orientador:

Doutor Rogério Roque Amaro, Professor Associado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2013

Introdução

Enquadramento geral

Com o prolongamento da estadia das populações imigradas no nosso território cresce a importância do reagrupamento familiar, surgindo assim um novo conjunto populacional – a segunda geração dos imigrantes. Quando chegam deparam, na maior parte das vezes, com uma situação de precariedade (em relação ao nível de vida do país que se encontram actualmente) e de exclusão, dado que não dominam nem o idioma, nem os costumes, nem os mecanismos de relacionamento.

A sociedade receptora acolhe várias e distintas famílias de imigrantes, procedentes de classes diversas, desde a classe média-alta - constituída por pessoas com um certo recurso económico, que concluíram o ensino superior e estão empregados em altos cargos, às classes populares - onde predominam na maioria os cabo-verdianos, em que os pais têm pouca ou nenhuma escolaridade, moram em bairros periféricos e têm empregos precários e mal remunerados.

Muitos dos jovens filhos de imigrantes que provêm de famílias humildes, são marcados por desigualdade no percurso escolar. A própria escola afasta indirectamente esses alunos por serem filhos de famílias pouco escolarizadas e que desempenham trabalhos considerados pouco aceitáveis e dignos pela sociedade. Aqui a noção de pobreza relaciona-se à exclusão. Outras vezes a própria pessoa exclui-se a si própria da sociedade (auto-exclusão), ao identificar nela certas características incompatíveis com os restantes indivíduos pertencentes àquela sociedade.

Apesar de já haver anos de imigração cabo-verdiana em Portugal e de existirem imensos artigos e estudos sobre a imigração e insucesso escolar dos jovens imigrantes, ainda não há um estudo concreto que sustente com uma maior amplitude o tema em questão, são raros os temas que se debruçam, e mesmo assim com alguma timidez, sobre a problemática escolar dos jovens imigrantes, garantindo ao mesmo tempo a solução para o dilema.

A educação e a formação detêm uma ligação com o mercado de trabalho. Algumas comunidades apresentam uma falha na educação e na formação, esta falha afecta a sua

inserção no mercado de trabalho sujeitando-os a ocupar empregos com condições precárias, em que por vezes são explorados, favorecendo a carência da sua integração na sociedade.

Embora persistam as altas taxas de insucesso escolar, hoje em dia os filhos possuem mais capacidade escolar do que os pais, prolongando os seus estudos por mais tempo que os pais. “Regra geral, os jovens, qualquer que seja a sua origem social, têm hoje mais escolaridade do que os pais e mães. Mas, dentro desse padrão, há, especialmente no caso português, grandes variações internas. Para muitos o prolongamento da formação escolar ainda é relativo.” (Machado e Matias, 2006)

Para além da participação da família é importante levar em conta a participação da política educativa, ou seja, é necessária uma participação activa do Estado na educação das nossas crianças e jovens, porque para começar, a educação além de ser um bem público e de mérito, é também um direito aclamado pela constituição de vários países. Mas perante isso, infelizmente ainda não há uma inserção no sistema educativo de forma equitativa e nem se confirma a igualdade de oportunidade para todos. É neste âmbito que se torna justificável e crucial a intervenção Estatal, garantido que a educação chegue a todos de forma equitativa, consolidando a via para o sucesso educativo, promovendo a justiça social e a igualdade de oportunidades colmatando essas diferenças verificadas.

Os problemas são vários, apesar dos vários projectos de apoio escolar, há jovens em risco de abandonarem as escolas por maus resultados, ainda há muito que fazer, pois subsistem os maus resultados, o abandono escolar e a indisciplina em algumas escolas problemáticas situadas em bairros periféricos.

Razão da escolha do tema

A imigração é um tema interessante, dado o peso que tem tido na sociedade portuguesa. Trata-se de um tema onde há muito que explorar, mas a principal razão da escolha do tema foi o facto de nos suscitar um especial interesse no que pode ser feito e como pode ser feito para a melhor inserção dos jovens imigrantes na sociedade, integrando-os, de maneira a extinguir a segregação escolar e social. Permanece ainda candente e actual a

abordagem da problemática dos fluxos migratórios, nas suas causas, fundamentos e consequências, não tendo, até esta, nenhum modelo teórico-científico, tido como propósito, o completo esgotamento da temática. Hoje há muito que abordar em relação à problemática do ensino e óptimos exemplos podem ser tirados em relação a alunos cabo-verdianos que mesmo passando por sérios problemas em casa e na sociedade, conseguiram a fórmula do sucesso escolar. São nesses casos que devemos espelhar-nos.

Muitos investigadores insistem em estudar a problemática escolar, investigando o fraco percurso escolar - a do insucesso e abandono escolar dos alunos filhos de imigrantes cabo-verdianos. Sem ser a minha intenção desvalorizar qualquer estudo acerca dessa temática, pelo contrário, será com base nesses estudos que pretendo chegar ao cérebro da minha pesquisa. Julgo pertinente abandonar um pouco essa lógica da discriminação e focar num conjunto de factores imprescindíveis, que mesmo ao confrontarem com condições que podiam atrapalhar o êxito no ensino, consegue-se articular o sucesso dos indivíduos, podendo com isso continuar os estudos chegando mesmo a fazer uma faculdade e mais tarde estando apto para enfrentar o mercado de trabalho.

É importante tentar compreender e conseguir explicar como foi alcançado este sucesso, pois irá eleger uma grande contribuição ao sucesso escolar não só para os que se encontram em dificuldade escolar, como na percepção da lógica da fraca integração, para os que se encontram em risco de exclusão social e escolar.

É preciso primeiro identificar um conjunto de problemas sociais a que os descendentes de imigrantes estão expostos, depois analisar os que mesmo estando no interior desta realidade conseguiram manter-se emersos, onde outros conjuntos de factores foram impulsionadores para o sucesso escolar. É assim que à partida pretendo descobrir a “fórmula do sucesso”. Se realmente existe, é este o meu objectivo, não tapar a janela do sucesso e dessa forma contribuir para que haja cada vez mais casos de sucesso escolar, expondo casos de sucessos de imigrantes cabo-verdianos que cada vez mais estão a ser marcados pela negativa.

Por ser cabo-verdiana e preocupar-me com a situação dos jovens conterrâneos, um dos motivos da realização desta dissertação, deve-se ao facto de me despertar especial interesse estudar a situação escolar da segunda geração de imigrantes cabo-verdianos, por ser um assunto bastante delicado uma vez que existem altas taxas de insucesso escolar, causadas por imensas dificuldades de aprendizagem e por sua vez provocadas

por distintos factores. Torna-se de certa forma do interesse social, a procura e o encontro da “fórmula de sucesso” através dos insucessos desses alunos, ou seja para que alcancemos o sucesso escolar vamos precisar de identificar os “causadores” da problemática escolar, alcançando dessa forma a possível “fórmula do sucesso”. Beneficiando assim as escolas problemáticas através da aplicação dessa receita.

Recentemente têm-se diferenciado diversos projectos de apoio escolar a jovens em risco de abandonarem as escolas, por maus resultados. Têm-se desenvolvido actividades culturais e a valorização da formação. Mas ainda assim há muito a fazer, pois subsistem os maus resultados, o abandono escolar e a indisciplina em algumas escolas. Escolas problemáticas e situadas em bairros periféricos, onde alguns alunos não têm respondido de forma expectante aos resultados escolares.

Pergunta de partida

Qualquer trabalho de investigação requer uma pergunta de partida que o sustente, que dê base ao projecto, pois sem ela nada vale o sentido da pesquisa. Pois são as perguntas de partida que servirão de fio condutor da pesquisa.

Para Quivy e Campenhoudt , a pergunta de partida está dividida em três critérios de qualidade, a primeira é a clareza da pergunta que diz respeito à exactidão da pergunta, a segunda é a exequibilidade da pergunta, em que poderá abordar as condições em que a investigação é realizada, a terceira, última e mais importante, a pertinência da pergunta. Salientam ainda que, uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada. Deve-se poder trabalhar eficazmente a partir dela e, em particular, deve ser possível fornecer elementos para lhe responder. Antes de mais é necessário analisar a conjuntura da problemática.

Muitos dos jovens imigrantes em estudo não têm respondido de forma expectante aos resultados escolares. Mas nessa maioria imerge uma minoria que tem respondido de forma positiva aos frutos escolares, travando os obstáculos económicos e sociais, alcançando o sucesso. Por isso, para o trabalho de investigação em análise é importante saber, **“De que forma, um grupo de jovens descendentes da segunda geração de imigrantes cabo-verdianos sujeitos a uma característica deficitária socio-escolar conseguiram dar uma resposta positiva aos seus percursos escolares?”**.

Orientação à resposta da pergunta de partida

Após a formulação da pergunta, é importante orientar a respectiva resposta. A resposta da pergunta deve ser concisa de forma a fazer um pequeno relato do trabalho, salientando todos os pontos pertinentes da pesquisa que achemos importante descrever, de uma forma clara e sucinta. Neste sentido, é através da resposta à pergunta de partida e tendo como pano de fundo o objectivo definido da pesquisa, que percorreremos a uma reflexão do início, meio e fim do trabalho, expondo tudo de uma forma sumária à conclusão final.

Com o fim do processo de desenvolvimento da pesquisa, o que se pretende ao responder à pergunta de partida, em linhas gerais, é o relato de um trabalho produtivo que poderá ajudar outras pesquisas do mesmo tema, contribuindo de forma benéfica à sociedade, acrescentando-lhe algo de novo

Neste caso, a minha pesquisa tem como objectivo a transformação e a mudança desse pensamento promíscuo, repetitivo e crítico atribuído aos jovens imigrantes em relação à escola. No meio de muitos insucessos escolares, é muito frequente encontrar bons exemplos de alunos que ultrapassaram as dificuldades e conseguiram responder às expectativas escolares dando asas ao sonho de uma vida melhor. Com isso torna-se necessário expôr a fórmula do sucesso, servindo de exemplo aos que se encontram com dificuldades escolares. Contudo, o projecto em mente estende para um contexto a um nível mais alargado de forma a melhorar a qualidade do ensino dos jovens imigrantes, ajudando-os na sua inserção escolar de forma saudável.

Organização do trabalho

O presente trabalho encontra-se distribuído por quatro capítulos distintos. Onde o Capítulo I- Enquadramento Teórico, relata os conceitos-chave desta dissertação. Este capítulo é subdividido em 4 subcapítulos que circunscrevem as principais definições do tema em questão: a segunda geração de imigrantes, analisando os acontecimentos sociais, familiares e escolares que acompanham esta camada. Aborda a assimilação cultural/social dos jovens com a população autóctone, sem esquecer da interligação

existente entre exclusão social e escola. O segundo subcapítulo relata o fenómeno migratório em Portugal, avaliando os vários conceitos em torno deste fenómeno, as causas e as consequências que acompanham o fenómeno migratório. No subcapítulo seguinte, menciono os principais agentes que influenciam o sucesso e o insucesso escolar: a família, a escola e o meio/sociedade. E para concluir o primeiro Capítulo, o último subcapítulo menciona a importância da política pública na integração dos imigrantes, bem como, a política educativa na integração das crianças/jovens no ensino.

No capítulo II, o primeiro ponto dará espaço para a abordagem das várias faces da imigração em Portugal (da emigração à imigração e de novo à emigração), no ponto seguinte do mesmo capítulo, relato as diferenças de gerações, de como e em que circunstâncias chegaram os imigrantes da primeira geração e desse ponto o surgimento da segunda geração. E no último ponto deste capítulo descrevo um dos pontos mais altos do trabalho, referindo a problemática escolar destes jovens, revelando as altas taxas de insucesso escolar dos alunos cabo-verdianos que muito tem destacado e caracterizado os nossos jovens em Portugal. Também menciono a inclinação desta problemática por outros autores, bem como as pesquisas feitas que dão a conhecer um pouco o sistema escolar em Portugal e também em Cabo Verde conseguindo assim dar uma parte da resposta do surgimento dessas altas taxas de sucesso escolar.

No penúltimo Capítulo relato toda a parte empírica do trabalho, a problemática do tema em questão, as hipóteses de investigação, os objectivos do trabalho metodologia onde irei destacar as principais técnicas utilizadas junto dos informantes privilegiados, para conseguir obter a resposta da pergunta de partida complementado as informações com os artigos, livros e revistas pesquisadas ao longo da elaboração do tema. E por fim o cronograma.

O último Capítulo ilustra o cérebro da investigação, podendo encontrar toda consistência da dissertação. Foi desenvolvido um estudo, onde fui efectuando entrevistas a 8 jovens filhos da segunda geração de imigrantes que residem ou residiam no bairro da Cova da Moura, que tiveram todo o seu percurso escolar desde o básico ao secundário neste bairro. Foram colhidas informações e foram executados questionários a duas entidades envolvidas no ensino/ educação dos jovens pertencentes a Associação Cultural Moinhos da Juventude.

Existe um número expressivo de crianças e jovens neste bairro que lidam diariamente com vários problemas sociais, dificultando a sua inserção social e escolar, levando à exclusão das mesmas, o insucesso e/ou abandono escolar e por fim à delinquência juvenil. E esta Associação, estas entidades existem com o propósito de barrar a entrada destes problemas ou a maior parte deles na vida dos jovens-alvo do meu trabalho.

No âmbito das entrevistas às entidades foram destacadas as respectivas acções e medidas aplicadas pela Associação, escolas, políticas educativas e entidades envolvidas no ensino, que têm em comum o principal pressuposto de colmatar a calamidade do ensino com o fim de destacar o sucesso que todos têm vindo a gerar em torno desta causa. E para realçar este sucesso foi preciso contar com opiniões preciosas e precisas para tapar o buraco que o défice escolar e social tem deixado na sociedade.

Capítulo II - Enquadramento teórico

1.1. – Descendentes de imigrantes: inserção, assimilação e/ ou exclusão

1.1.1 – Filhos da segunda geração de imigrantes

Antes de mais é importante saber a quem chamamos de filhos da segunda geração de imigrantes. Segundo dados da investigação, “São segunda geração de imigrantes todas as crianças nascidas no país de acolhimento do (s) pai (s), com pelo menos um dos pais nascido no estrangeiro ou crianças nascidas no estrangeiro que foram para o país de acolhimento antes dos doze anos de idade”¹

Diferentes autores dão diversos desígnios para os mesmos designados. Ao longo de vários artigos pesquisados, encontrei várias definições que serviam para identificar os imigrantes africanos/cabo-verdianos de segunda geração, desde “lusó-africanos”², “lusó-cabo-verdianos”, “jovens descendentes de imigrantes”³, “filhos de imigrantes de PALOP”, ao calão “pretoguês”⁴.

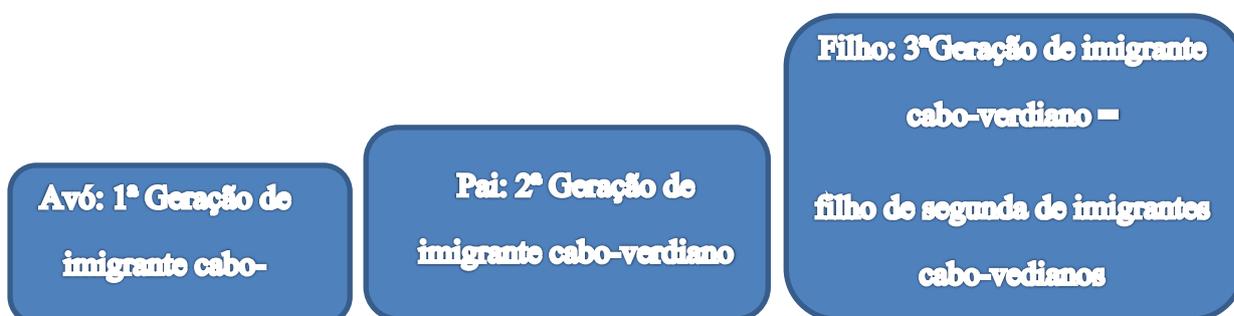


Figura nº1, do capítulo I: Gerações de imigrantes cabo-verdianos

Os jovens cabo-verdianos são conotados pela negativa pela sociedade portuguesa, devido á vários factores negativos que estes têm sido caracterizados sempre que se houve falar da segunda geração de imigrante. Factores que marcam o dia-a-dia destes

¹ http://run.unl.pt/bitstream/10362/7169/1/tese%20versao%20final_revisto.pdf

² Machado, Fernando L. (2007)

³ Machado, Fernando L. e Matias, Ana R., (2006)

⁴ Carvalho, Francisco “Filhos de imigrantes cabo-verdianos em Portugal: a questão identitária”, Lisboa: Socinova, Cota: ART.8/02 Disponível em: http://www.prio.no/private/jorgen/cvmd/papers/CVMD_Carvalho_Francisco.pdf

jovens. Tal como a delinquência, a prostituição, o vandalismo, o insucesso e abandono escolar precoce, a droga, o alcoolismo, a gravidez precoce, etc.

Existe uma clara diferença de geração e de comportamento entre os filhos da primeira e a segunda geração de imigrantes. A segunda geração sente-se perdida quanto à definição da sua identidade, pois para eles e para os pais são portugueses uma vez que nasceram em Portugal mas para a sociedade são apenas africanos filhos de africanos que nasceram em Portugal. “O discurso de que os jovens filhos de imigrantes se encontram numa crise de identidade está largamente difundido, tanto no que se refere a produções de carácter socio-antropológico, como no discurso do senso comum.”⁵



Figura nº 2, do capítulo I: Factores negativos que marcam a vida do indivíduo no bairro

Batalha (2004), realça que, os jovens filhos de imigrantes cabo-verdianos em Portugal desenvolvem uma identidade social que não é nem portuguesa nem cabo-verdiana. Aos olhos dos seus pais já não são cabo-verdianos, porque foi em Portugal que nasceram,

⁵ Carvalho, Francisco (2005), *Filhos de Imigrantes Cabo-Verdianos em Portugal: a Questão Identitária*, Lisboa: Socinova, ART.8/02

aos olhos da maioria portuguesa eles são os jovens de origem africana, “os pretos” ou “os cabo-verdianos” e só por último portugueses e aos seus olhos são “portugueses pretos”, “portugueses cabo-verdianos”, ou “jovens do bairro”, misturando etnicidade e classe social.

Para Machado e Matias, (2006) “Os jovens filhos de imigrantes não são objectivamente imigrantes, nem se pensam como tal. Nasceram ou chegaram em crianças ao país de acolhimento dos seus pais, cresceram aí, frequentam ou frequentam as suas escolas, têm ao alcance um mercado de trabalho mais amplo e diversificado do que aquele que se oferece aos imigrantes, interiorizam referências culturais que são as das suas famílias, mas também as da sociedade de acolhimento, e têm estilos de vida que, em muitos aspectos, e para condição social idêntica, são os mesmos que observamos na juventude nativa.”⁶

Seabra, (1999) acrescenta que embora sintam-se portugueses, a inserção dos filhos dos imigrantes nas escolas já está conotada pela negativa, pois são considerados casos onde existe dificuldade acrescida de aprendizagem por serem portadores de traços culturais específicos, que dificultam a integração escolar e um percurso de sucesso por parte dos mesmos. Não apenas os traços culturais, mas são bastantes os factores que contribuem para uma má inserção escolar desses jovens. A segunda geração dos PALOP africanos é confrontada com graves problemas pessoais, emocionais, sociais, culturais, familiares e económicos.

1.1.2 – Assimilação cultural/social

Assimilação cultural/ social trata-se de um processo em que as minorias étnicas obtêm traços culturais da população predominante. São adquiridos novos costumes e atitudes, absorvidos através da convivência, em que a população imigrante e a autóctone trocam experiências e contribuem com as suas práticas culturais para a sociedade onde estão inseridas.

⁶ Machado, Fernando Luís; Matias, Ana Raquel (2006), *Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica* Lisboa: CIES-ISCTE, (CIES e-WORKING PAPER, 13)
Disponível em: http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/176/4/CIES-WP13_Machado-Matias_.pdf

A assimilação cultural e/ou social envolve gradualmente os imigrantes numa fase de transformação, em que estes passam por várias etapas de mudança até chegarem a fase em que se associam com a população autóctone. Mas ao suceder a assimilação cultural, tal não significa propriamente que haja integração social, e segundo Fernando machado as vezes acontece exactamente o oposto.

O processo de assimilação cultural ⁷ torna-se num sistema complexo, quer quando desejam assimilar-se quer quando não desejam assimilar-se culturalmente á população autóctone. Pois há sempre uma larga maioria que não está interessando em assimilar-se ao país aonde se encontram. Grande parte da população recém-chegada vem a trabalho e junto trazem as suas práticas culturais, defendendo os seus costumes do lugar onde tiveram origem de uma forma rígida, preferindo continuar com as suas práticas culturais. E por vezes encontramos a sociedade dividida em grupos, que viriam a designar de “minorias étnicas”, separados entre si, que mantêm a sua própria tradição cultural e histórica.

Por vezes essa prática poderá não ser benéfica à população imigrante porque com isso poderão atravessar sérias dificuldades na integração à sociedade, estando expostos à marginalização e a rejeição da população do país receptor. Para que isto não aconteça outros preferem efectuar o processo de assimilação em parte ou seja de uma forma parcial, onde aceitam elementos culturais da sociedade predominante mas conservam as suas práticas culturais em privado.

Mas tal cenário, não se verifica em relação aos descendentes das novas vagas de imigrantes. A segunda geração, principalmente os que nasceram cá, estão mais aberto a esta assimilação, uma vez que nasceram dentro da cultura dominante ou chegaram cá quando pequenos, identificam-se mais com os costumes, adoptando valores, normas e práticas das sociedades portuguesas, muitos até se relacionam mais com colegas portugueses brancos e possuem pouca ligação com seu país de origem.

Embora muitos se identifiquem cultural e socialmente com a população autóctones, por falta de algumas características específicas, que poderia ajudá-los na sua inserção social, não conseguem integrar-se por completo, pelo que durante este largo processo de

⁷ A assimilação cultural compreende mudanças sucessivas ocorrendo várias etapas e torna-se completa quando a nova população confunde-se culturalmente com a população autóctone tornando irreconhecíveis em relação ao antigo grupo.

assimilação, muitas vezes passam por circunstância de uma dificuldade característica e por vezes de bloqueio.

O processo de assimilação dos descendentes, conduzem essa nova geração de imigrantes a associarem-se a um grupo de jovens autóctone da mesma faixa etária, da mesma classe ou por vezes procedentes de uma classe social mais elevada. Essa relação depende muito de factores como o nível de vida, a situação habitacional, os padrões de comportamento, a sua relação quotidiana em que eles estão envolvidos. Nesta circunstância, os imigrantes muitas vezes por mais que se assimilem cultural e socialmente às populações autóctones, por falta das características referidas, que podiam ajudar na sua aceitação na sociedade, não conseguem integrar-se por completo, mesmo que se sintam portugueses e se identifiquem como tal.

“É na escola que as contradições da sua identidade social se tornam mais visíveis, quando aquela os percebe e define como etnicamente cabo-verdianos e linguisticamente portugueses.” (Batalha, 2004)⁸.

O autor acrescenta ainda que estas contradições não têm ajudado no sucesso escolar desses jovens mas algumas escolas têm apercebido da importância da valorização da cultura e da língua e este gesto tem facilitado a integração desses descendentes de imigrantes.

1.1.3 – Da exclusão social à exclusão escolar

A exclusão escolar não é um problema originalmente isolado. Está inteiramente relacionado com outros processos de exclusão. Parte-se de princípio de que a falta de recursos materiais tem a ostentação desta problemática. “Por mais relevantes que sejam, e de facto são, estes e outros aspectos da exclusão social, é também claro que a pobreza propriamente dita - a escassez de recursos (...) - constitui a dimensão mais importante,

⁸ Batalha, Luís (2004), “Contra a Corrente Dominante: Histórias de Sucesso entre Cabo-verdianos da 2ª Geração”, *Etnográfica*, (online) 8 (2) pp.297-333.

Disponível em: http://www.iscsp.utl.pt/~lbatalha/downloads/cv_2ger.pdf

até pelos efeitos negativos de contágio que tende a produzir sobre todos os outros recursos”⁹

Porem, a exclusão não é proveniente exclusivamente de uma frágil situação financeira. A exclusão provém de vários sentidos. Refere-se a uma série de particularidades sociais e culturais, que resultam no abandono, distanciam-se dos convívios, levando o próprio afastamento e provocando a perda de laços sociais e por vezes familiares. Onde muitas vezes o próprio indivíduo acaba por se excluir, ao presenciar uma diferença cultural e social no meio onde está inserido. Com receio de ser excluído por outros, este instintivamente “antecipa” a sua exclusão, o que poderia previr dos outros, acaba por antevir dele próprio (auto exclusão).

“Tudo se passa, na verdade, como se todas as classes sociais, mesmo aquelas que parecem estar razoavelmente definidas, pudessem ser afectadas por alguma ou algumas dimensões de exclusão.” (Almeida, 1993)

Neste âmbito, o grupo mais desfavorecido é o público mais vulnerável a esta problemática, pois neste meio a situação agrava-se um pouco mais. Situação essa que pode complicar um pouco mais, quando se trata de um desfavorecido imigrante. Este grupo é o público-alvo da exclusão. Os imigrantes no geral apresentam uma certa fragilidade de integração, pois este público é “ (...) uma das categorias onde a incidência da pobreza e da vulnerabilidade à pobreza é maior, afectando muitos elementos pertencentes a quase todas as minorias étnicas residentes em Portugal.”¹⁰

Em relação aos jovens descendentes de imigrantes, para além da sociedade que os insere, a instituição escolar também é conhecida por ser excludente. Por isso perceber inteiramente esse fenómeno é fundamental para que se investigue, tanto a vida dos jovens dentro e fora da escola, como também, e em profundidade, as políticas públicas que envolvem esta problemática.

⁹ Almeida, João (1993), “Integração social e exclusão social: algumas questões”, *Análise Social*, vol. XXV, 28 (123/124), pp. 829-834

¹⁰ Ferreira Almeida, João (1997), *Exclusão Social: Condições e Domínios de vulnerabilidade, Categorias Sociais e Modos de Vida*, Jornadas “Exclusão Social”, Coimbra (comunicação)



Figura nº 3, capítulo I: Factores que podem provocar a exclusão social/escolar

Os filhos de imigrantes são bastante marcados pela exclusão social e posteriormente pela exclusão escolar. A exclusão social por via de regra encontra-se ligada ao insucesso escolar. Esses fenómenos podem condicionar irremediavelmente o decurso da vida dos jovens imigrantes que por eles forem afectados. “A exclusão social está ligada à exclusão educativa. E a exclusão educativa significa que nem sequer vão à escola, ou vão à escola e não têm sucesso, ou vão à escola e são afastados. Se quiser, há estas formas todas de insucesso (...).”¹¹

Ao sentirem excluídos, procurarão alternativas para se sentirem inseridos num meio, e o meio onde reina a marginalidade e a violência é um meio fácil de inserção. Ao serem vistos como uma ameaça social no plano económico, laboral e da segurança pública, são afastados da integração das classes médias da sociedade portuguesa, reflectindo claramente na exclusão social desses jovens.

¹¹ Alves, Natália e Canário, Rui (2004), “Escola e exclusão social: das promessas às incertezas” *Análise Social*, vol. XXXVIII (169) pp. 981-1010
Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218650678S9rNN2a1Cx82TV2.pdf>

A incidência da exclusão e do insucesso escolar caracteriza duas circunstâncias negativas, cuja consequência da sua conexão corresponde à precariedade. Mas torna-se relevante saber se é a exclusão que resulta o fracasso escolar ou se só depois de acontecer o fracasso se afigura a exclusão.

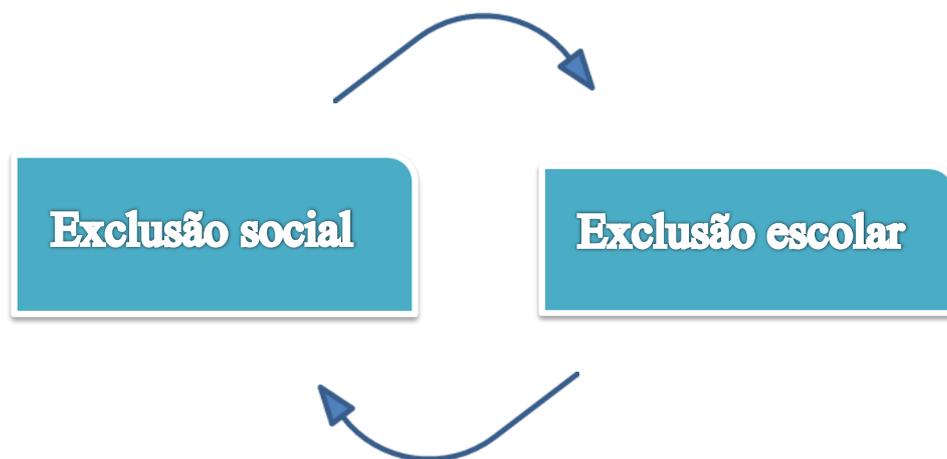


Figura nº 4, capítulo I: Relação/ligação entre exclusão social e escolar

Segundo Almeida, uma das causas ou consequências da exclusão social é o insucesso escolar e o abandono precoce do sistema de ensino, que incide de modo ainda mais acentuado em grupos étnicos, com características culturais a que o sistema de ensino não tem conseguido dar resposta cabal.

Na mesma linha de pensamento, Machado, Matias e Leal, afirmam que “no que toca à escolarização, é sabido que muitos descendentes de imigrantes têm trajectos marcados pelo insucesso e abandono precoce do sistema de ensino.”¹² Esta baixa escolarização é característica imprescindível para a prática de exclusão social e escolar. Muitos estudantes cabo-verdianos encontram-se bastante vulneráveis a serem vítimas de exclusão social e escolar.

Porem, para analisar a exclusão escolar é preciso ser considerada não só a vida escolar, como a rotina que os jovens têm fora da escola, ou seja, a sua vida familiar e a sua vida social (amigos, vizinhos, conhecidos, outras pessoas da sua convivência social), pois a

¹² “Jovens descendentes de imigrantes africanos: Transição para a exclusão ou para a integração social?” *Fernando Luís Machado, Ana Raquel Matias e Sofia Leal*
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628e1f141ec3_1.pdf

exclusão trata-se de um processo complexo que não pode ser reconhecido meramente com a relação escolar, uma vez que está claramente ligado à própria vida.

Embora tudo que se diz da escola sobre o seu lado excludente, “para outros, os “defensores” da escola, o sistema educacional é totalmente “inocente” em face da exclusão.”¹³

No meu ponto de vista pode predominar um certo domínio na integração mas não está totalmente livre de excluir. Pode ser contraditório, mas na realidade a escola pode exercer ambas as funções. A função de exclusão e a função de integração, excluindo os que não têm o “perfil imposto”, os que não vão de acordo com os seus “requisitos exigido” e o de integrar, onde após a sua conclusão reúne todos os aspectos favoráveis à inserção no mercado de trabalho servindo como porta de entrada à inserção social das classes dominantes.

1.2. – Fenómeno migratório em Portugal

Vem de muito longe o fenómeno dos fluxos migratórios humanos, havendo mesmo quem sustente que são tão antigos como o próprio homem. “O termo migrações humanas refere-se genericamente aos fenómenos de mobilidade espacial, isto é, ao deslocamento de contingentes humanos de uma região para outra, em carácter permanente ou temporário. O conceito aplica-se tanto às transferências de população dentro das mesmas fronteiras políticas (migrações internas, ou intranacionais), quando às que se efectivam através dessas fronteiras. Neste último caso, o fenómeno é chamado distintivamente de emigração e imigração, conforme seja considerado do ponto de vista da origem ou do destino.”¹⁴

No mesmo texto o autor continua “em geral, as migrações têm partido das áreas de alta pressão demográfica para as de menor pressão demográfica. As regiões que contam com um número excessivo de habitantes, em comparação com os recursos existentes, se caracterizam com áreas de expulsão de contingentes demográficos, enquanto as de

¹³ Dubet, François (2003) “A escola e a exclusão” Cadernos de Pesquisa, n. 119, Julho/ 2003

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000200002

¹⁴ <http://www.sosestudante.com/historia/migracoes.html>

menor pressão demográfica e possuidoras de maiores recursos denominam-se áreas de atracção.”

Alguns autores são da mesma opinião, de que o movimento migratório marca Portugal há muito tempo:

- “A sociedade portuguesa conviveu desde sempre com movimentos migratórios; primeiro como país tendencialmente de emigração, depois como país de imigração.”¹⁵

- “Os fluxos migratórios internacionais, em ambos os sentidos – emigração e imigração – têm tido desde há muito um papel muito importante nas transformações demográficas em Portugal.”¹⁶

- “Em Portugal, os fenómenos migratórios têm sido uma constante desde há muito séculos. (...) De Registrar que, de um país de onde se sai, Portugal transformou-se num país para onde se entra, sendo nomeadamente destino de populações provenientes dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).”¹⁷

Este fenómeno vem acompanhado de oportunidades e ameaças, de vantagens e desvantagens, perante o desenvolvimento da sociedade. “Dificuldades económicas, políticas, sociais e religiosas, bem como fenómenos naturais desfavoráveis, estimulam esporadicamente a transferência de pessoas para área que não as de origem, na esperança de e na esperança de encontrarem melhores condições de existência.”¹⁸

O artigo reforça que, “historicamente, os movimentos migratórios apresentaram-se sob formas de invasão, conquista e colonização. (...) A colonização, especialmente do continente americano e da África, ocasionou a transferência de grandes contingentes demográficos para áreas pouco povoadas. (...) Os fenómenos migratórios mais frequentes no mundo actual referem-se aos movimentos internacionais de população (imigração e emigração) e aos movimentos intranacionais, ou internos.”

¹⁵ Évora, Gustavo (2011) “Sucesso escolar nos alunos de origem cabo-verdiana: O caso dos alunos que ingressam no ensino superior português”. Actas do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em:

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316132737_ARQUIVO_CONLAB2011.pdf

¹⁶ <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2036/136A.pdf>

¹⁷ <http://www.portugal-tchat.com/forum/a-democracia-1974/3797-fenomenos-migratorios.html>

¹⁸ <http://www.sosestudante.com/historia/migracoes.html>

²¹ http://imigracaononossopais.blogspot.pt/2008/05/vantagens-e-desvantagens-da-imigrao_19.html

"As vantagens da imigração verificam-se quando falamos de imigração legalizada. Constitui uma solução para a diminuição da taxa de natalidade e para o envelhecimento da população, podendo assim assegurar o equilíbrio da segurança social. Além disso, a necessidade de mão-de-obra em determinados sectores da economia que não é compensada pelo mercado de trabalho interno (...) neste sentido, a imigração representa também uma vantagem para a nossa economia na medida em que poderá minorar a baixa qualificação da sua mão-de-obra e conseqüente falta de produtividade. (...) Desta maneira, a imigração pode-se revelar crucial para satisfazer as necessidades do mercado laboral, e pode contribuir decisivamente para o crescimento económico."²¹

Os indivíduos que vivem da imigração ilegal está sujeito a diversos factores negativos começando pela exclusão social, estando directamente relacionado com a ilegalidade, a prostituição, a exploração de mão-de-obra, criminalidade, o tráfico de seres humanos, a marginalização, etc.

Imigração

Legal – Vantagens	Ilegal – Desvantagens
Aumento da taxa de natalidade	Prostituição
Diminuição do envelhecimento populacional	Criminalidade
Aumento da mão-de-obra	Exploração de mão-de-obra
Satisfação do mercado laboral	Tráfico de seres humanos
Crescimento económico	Marginalização

Tabela nº 1, capítulo I: Vantagens e Desvantagens da Imigração

São vários os motivos que levam um indivíduo a procura de outro país para começar a sua vida. Procura de melhores condições de vida, fuga à miséria, desemprego, guerra, perseguição religiosa e política, conflitos político-militares, escassez económica, etc.



Figura nº5, capítulo I: Os vários motivos da Imigração

1.3. – Principais agentes do sucesso e o insucesso escolar

O drama do insucesso escolar é um fenómeno relativamente recente, onde temos vindo a assistir a um número cada vez maior de insucesso e de abandono escolar da segunda geração, com muito destaque para a população jovem imigrante cabo-verdiana. Segundo dados da investigação, quando se fala da escola /segunda geração de estudantes cabo-verdianos, pensa-se quase sempre em algo negativo isso porque são poucos os jovens estudantes da segunda geração que frequentam a escola e poucos são os que alcançam o sucesso escolar.¹⁹

O insucesso e o abandono escolar são temas bastantes discutidos na nossa sociedade. Porém por detrás desse drama, desse fenómeno que marca constantemente os jovens imigrantes, existem agentes próximos que podem contribuir de uma certa forma para melhorar ou piorar esses resultados. É importante analisar os principais agentes que

¹⁹ http://run.unl.pt/bitstream/10362/7169/1/tese%20versao%20final_revisto.pdf

estão por detrás deste sucesso/insucesso escolar. Onde cada vez mais são culpabilizados pelos fenómenos recorrentes no seio escolar da criança.

1.3.1 – Família

A família é o primeiro e o essencial agente que serve como emitente para a socialização na vida de um indivíduo. É este agente que acompanha a criança a vida toda ou uma boa parte dela no estabelecimento e no fluir da sua socialização com o resto do mundo. É a família que compete educar em primeira mão, não só durante as primeiras faixas etárias – durante a infância, mas também na adolescência e juventude.²⁰

É o primeiro e o principal responsável pelo sucesso/ insucesso escolar dos alunos. Neste âmbito é importante analisar a situação em casa, a relação da criança com o agente familiar. As estratégias para o envolvimento dos pais no desenvolvimento escolar dos filhos começa em casa, onde a família colabora com bens de primeira necessidade - fornecimento de alimentação e vestuário, acesso à saúde e segurança, providencia a estabilidade em casa, incentiva e reforça a aprendizagem do filho.²¹

Muitas vezes o ponto de partida da problemática escolar dá-se no seio familiar. Segundo o artigo “Relação entre família e escola e suas implicações de género”²². A família tem estado por trás do sucesso escolar e também tem sido culpada pelo fracasso escolar dos filhos.

Uma estrutura familiar sólida, onde a relação familiar é saudável, onde haja diálogo, aumenta a autoconfiança dos filhos e este factor ajuda no seu rendimento escolar. Todo esse conjunto familiar e as suas ambições são variáveis de peso no que toca a resultados escolares dos filhos.

A comunicação entre a família e o aluno é primordial para uma boa relação entre o agente e a criança. Essa etapa de comunicação começa na família, onde a criança

²⁰ <http://educacaodeinfancia.com/a-participacao-da-familia-no-projecto-educativo-e-na-vida-da-instituicao-educativa/>

²¹ <http://www.ese-jdeus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>

²² Pessoa de carvalho, Maria Eulina (2000) “Relação entre família e escola e suas implicações de género”, Centro de Educação - UFPB, Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 143-155
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>

aprende a falar e a expressar. Embora cada família tenha o seu código linguístico, expressando-se de forma diferente umas das outras, uma vez que pertencem a contextos sociais diferentes, a comunicação independentemente da cultura e do contexto social é importante para o desenvolvimento da criança na escola e na sociedade.

“O sucesso escolar tem dependido, em grande parte, do apoio directo e sistemático da família que investe nos filhos, compensando tanto as dificuldades individuais como as deficiências escolares.”²³. Porém nem todas as famílias têm a mesma forma de colaborar com as suas rotinas e disponibilidades no desenvolvimento da educação dos filhos.

Essas práticas educativas diferem mediante cada tipo de família, essas diferenças podem variar, facilitando ou dificultando a inclusão da criança no universo escolar. Por detrás dessa rotina e disponibilidade diferenciada de cada pai aos interesses escolares dos filhos, existem factores que regularizam a ligação da família com a escola, influenciando de forma negativa ou positiva no desenvolvimento cognitivo dos filhos.

Por este motivo é importante ter em conta a relação dentro de casa entre a família e o filho, o estatuto social, a cultura, as habilitações literárias, o percurso académico, a profissão e o tempo disponível dos pais, de forma a ter noção da possibilidade no acompanhamento dos pais nas actividades escolares dos filhos.

A colaboração dos pais nas actividades de aprendizagem em casa é essencial, uma vez que são importantes para o aperfeiçoamento escolar das crianças. Por isso é importante que participem nas tarefas escolares em casa, como por exemplo nos trabalhos de casa, passados pelos professores.

Os trabalhos de casa são considerados como meios condutor da comunicação entre o aluno/filho com a família, embora não mostrem claramente que os utilizam para esse fim, atribuindo-lhes mais a função de instruir. Segundo dados de investigação²⁴ de acordo com os resultados de um inquérito, o que mais contribui para o sucesso educativo dos alunos é o envolvimento dos pais em actividades de aprendizagem em casa.

²³ Pessoa de carvalho, Maria Eulina (2000) “Relação entre família e escola e suas implicações de género”, Centro de Educação - UFPB, Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 143-155

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>

²⁴ <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/651>

Entendemos que para a escola os trabalhos de casa servem para proporcionar a comunicação entre a família e o filho, porém para muitas famílias estes trabalhos são associados a uma injustiça, pois dado a débil situação escolar que apresentam, não têm qualquer possibilidade de ajudar os filhos na escola. Podemos imaginar a dificuldade que é para um pai com baixa escolaridade apoiar o filho na escola. E torna-se ainda mais complicado para os pais que depois de um longo e stressante dia de trabalho chegam à casa exaustos e com pouca capacidade para apoiar os filhos nos deveres de casa. Por isso essa falta de tempo e capacidade dos pais no acompanhamento das actividades dos filhos, dificulta muito um bom resultado escolar dos filhos.

O estatuto socioeconómico dos pais também é um factor muitíssimo importante na inserção escolar desses jovens imigrantes. “Um dos factores que mais influencia os desempenhos escolares e, conseqüentemente, a integração social dos descendentes dos imigrantes é o estatuto socioeconómico da família.”²⁵ Para o autor, abrange outros grandes factores que interferem no rendimento escolar. O número de horas dedicadas aos estudos, o tipo de ensino, auxílio escolar, acesso a recursos que apoiam na aprendizagem e o percurso escolar.

Na mesma linha Machado, Leal e Matias (2005), defendem que “os que provêm de famílias com capitais económicos, escolares e culturais elevados têm geralmente bons resultados escolares. Ou seja, o efeito «classe» impõe-se largamente ao efeito «cultura».”

O grau académico dos pais também é muito importante no que toca ao acompanhamento nos estudos dos filhos, interferindo no nível de dedicação dos filhos nos estudos e nos seus resultados escolares. “Tal como a sociologia da educação mostrou já há muito para os públicos escolares em geral, a origem de classe ou a escolaridade do pai ou da mãe condicionam o desempenho dos filhos de imigrantes.”²⁶ Nos meios sociais onde os filhos provêm de famílias com uma situação económica favorável, onde os pais concluíram o ensino superior, a escola é bastante valorizada desde cedo e passam esses valores e bons exemplos aos filhos.

²⁵ Évora, Gustavo (2011) “Sucesso escolar nos alunos de origem cabo-verdiana: O caso dos alunos que ingressam no ensino superior português”. Actas do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.

Disponível em:

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316132737_ARQUIVO_CONLAB2011.pdf

²⁶ Machado, Fernando L.; Leal, Sofia e Matias Ana R., (2005), “Desigualdades Sociais e diferenças culturais: Os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos”, *Análise Social*, XL (176), pp. 695-714.

Analisando ainda o artigo do Évora, Gustavo (2011), o autor também afirma que o estatuto socioeconómico da família influencia ainda os desempenhos escolares dos alunos quando relacionado com as expectativas parentais face à actividade escolar dos filhos. O autor acrescenta ainda que, as expectativas parentais geram expectativas nos filhos e, quando isso acontece, estes conseguem melhorar a autoconfiança, o autoconceito académico e, conseqüentemente, os seus resultados escolares. As expectativas parentais funcionam, assim, como um mediador do efeito da classe social sobre os resultados académicos dos alunos.

Ora se um bom estatuto socioeconómico impulsiona o sucesso escolar, podemos constatar que um baixo rendimento monetário pode influenciar o insucesso e/ou abandono escolar. Embora os pais desejem que os filhos progridam mais do que eles na escola, a partida numa família sem recursos os filhos começam a trabalhar mais cedo para garantirem o seu sustento e o da família, levando assim á carência na dedicação que os estudos merecem, levando ao insucesso e abandono escolar.

Na mesma linha de pensamento, outros dados de investigações²⁷ acrescenta ainda que o aluno pertencente á família de baixo rendimento, frequenta escola pública, a professora é frustrada pois vê dificuldades de aprendizagem de seus alunos para além da pouca ou a falta de cooperação dos pais. Estes não conseguem acompanhar o ritmo escolar do filho devido à falta de tempo ou à falta de capacidades escolares (baixo nível escolar) e por sua vez, os filhos, podem evoluir a um ritmo muito deficiente, levando à estagnação ou até mesmo à regressão na aprendizagem.

Esta carente situação económica influencia também outros vários factores que estão na origem do insucesso escolar. A situação económica condiciona o acesso a bens de primeiras necessidades (alimentação e vestuário), o ingresso de bens pedagógicos, a disponibilidade dos pais no acompanhamento escolar dos filhos, da mesma forma como regulariza a região habitacional, onde o ambiente é favorável para os estudos, que por sua vez condiciona a durabilidade do percurso do aluno na escola.

Estas famílias têm mais dificuldades em envolverem na escola, por causa dos horários de trabalho, que são pouco flexíveis, a falta de recursos, preocupações com questões de

²⁷ Pessoa de carvalho, Maria Eulina (2000) "Relação entre família e escola e suas implicações de género", Centro de Educação - UFPB, Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 143-155
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>

sobrevivência, percepção de baixa competência para tratar de assuntos relacionados com a escola.²⁸ Embora a maioria trabalhe muito para o sustento da casa, não tenha tempo, baixa capacidade escolar para acompanhar os estudos dos filhos e pouca capacidade económica para pagar um professor de apoio escolar aos filhos, é importante sempre que possível, mostrarem um pouco de interesse nos estudos dos filhos em casa e aparecerem nas reuniões na escola.

Quando os pais não conseguem participar na vida escolar dos filhos “acaba por afectar os alunos, trazendo transtornos de aprendizagens, comportamentais e psicológicos. Muitas vezes os alunos apresentam problemas de disciplina porque querem a atenção e não porque são indisciplinados, outros acabam tendo problemas cognitivos por não terem o apoio em casa e muitos apresentam problemas psicológicos por falta de afecto, atenção.”²⁹

Essas causas familiares, culturais, escolares, sociais e económicos vão condicionar o sucesso escolar desses jovens. Por isso é importante que instituições tenham em sentido o conjunto social mais vulnerável, que se encontra mais ausente da escola e invisíveis pela sociedade. De forma a perceber as barreiras que os impedem de estar mais presentes na escola dos filhos, as causas da dificuldade de contacto entre eles e a escola e a forma de contornar esses obstáculos encontrando um acordo confortável para todas as situações.

No entanto, o artigo de Gustavo Évora em análise afirma que o que determina o rendimento escolar (sucesso ou o insucesso escolar) dos alunos dessas famílias é a combinação independente de vários dos factores que temos vindo a referir e não de um factor só, ou o somatório destes ou daqueles, mas sim a forma como se combinam ou interagem entre si.

1.3.2 – Escola

Segundo Luís Batalha, na imigração, o primeiro contacto em permanência da criança com a sociedade do acolhimento é feito através da escola, sendo a escola o lugar da medição entre a sociedade e a família. É a partir dela que a criança começa a vivenciar a

²⁸ <http://www.esse-jdeus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>

²⁹ <http://pedagogiaescolaradm.blogspot.pt/2009/11/escola-e-o-envolvimento-da-familia.html>

aprendizagem de tensões que nascem de duas situações diferentes, próprias de dois mundos distintos: o familiar e o escolar.³⁰

Na escola para além de irem aprender a comunicar-se de forma diferente - uma linguagem mais formal - irão aprender também uma linguagem igualitária, onde todos têm acesso ao mesmo modelo de linguagem, mais independente das características socioculturais.

A comunicação também acontece entre os pais e a escola. Sendo de essencial relevância o desenvolvimento dessa comunicação, uma vez que facilita a integração da criança na escola e no estabelecimento das funções dos pais para a concretização desse objectivo. As escolas devem ser promotoras de políticas/estratégias que promovam a maior aproximação das famílias à escola. Os pais podem ser envolvidos de diferentes formas e cabe à escola proporcionar uma diversidade de modalidades de envolvimento parental na escola.³¹

Contudo tanto a família como a escola podem contribuir para que haja cada vez mais o isolamento das classes, ao dar mais valor a cultura da classe influente e mostrar desinteresse com a cultura escolar dos estudantes imigrantes, por terem uma cultura diferente, estará também a pactuar e a reforçar essa segregação desses indivíduos portadores de culturas distintas.

Vários autores têm estudado este fenómeno, provando que realmente a escola ao contrário do que se pensa é geradora da exclusão social e provocadora de uma parte do insucesso escolar sentida pelos alunos desfavorecidos.

A agenda escolar, é um exemplo da desvantagem que a escola desperta nas classes sociais menos influentes, onde apenas as famílias com capacidades económicas podem usufruir dessa vantagem. As crianças pertencentes a essa classe social possuem uma agenda escolar preenchida por actividades extracurriculares - línguas estrangeiras, dança, informática, natação, futebol, música, etc. - que enriquece as suas capacidades escolares, promovendo o seu aproveitamento académico de modo a facilitá-lo no seu sucesso escolar e na sua integração social.

³⁰ Batalha, Luís (2009), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*, Lisboa: ACIDI, Pedro Góis (org)

Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colecao_Comunidades/2_comunidades_cabo_verdianas.pdf

³¹ <http://www.es-ej-deus.edu.pt/projectoepe/sug/sugestoes.html>

(Seabra, T. 2009) defende que no primeiro patamar da escola (escolaridade básica), todos deveriam aceder a um sistema de ensino em tudo semelhante: os mesmos currículos, a mesma qualidade de professores, as mesmas exigências, de modo a que os resultados não fossem afectados pela disparidade de condições escolares e fosse assim possível diferenciar os alunos de acordo com o mérito revelado.³²

Uma escola que reúna todas as condições necessárias para o sucesso escolar de uma criança, mas o sistema de ensino é irredutível e desigual na educação de um “aluno problemático” e uma outra escola que não reúne quaisquer condições favoráveis para um ensino de qualidade á qualquer aluno, ambas as escolas, ambas as situações revelam uma contribuição para a desigualdade e o insucesso escolar. Independentemente de ser uma escola de renome, contribuirá de igual forma para o défice escolar.

Fala-se muito da escola única quando é referido a igualdade de oportunidades, mas quando falamos da segregação escolar que se faz sentir em muitas escolas causando a aglomeração de alunos provenientes de famílias desfavorecidas, residentes em bairros periféricos, em escolas localizadas nos subúrbios, onde têm dificuldades de ensino, questiona-se da real existência dessa escola única e da igualdade de oportunidades que a escola devia oferecer.

A falta das necessárias preparações á entrada na escola, tal como a falta de equipamentos pedagógicos e matérias didácticos, são outras preocupações da igualdade de oportunidades a ter em conta, granjeando assim uma especial atenção aos desfavorecidos, por parte das entidades escolares, com poderes especiais para intervir nesse âmbito. Mantendo uma vigilância apertada aos jovens descendentes de imigrantes, pois estes estão mais expostos a tais problemas sociais e escolares que a sociedade de acolhimento lhes “oferece”.

Embora alguns autores defendam que “(...) a escola de hoje exige novas posturas, e novas responsabilidades de todos os que nela intervêm e contribuem para uma melhoria do ensino, quer sejam professores, pais ou outros (...)”³³. Ainda hoje existem sistemas de ensino que não estão aptos para avaliar os seus alunos apenas pelo seu mérito sem avaliar a sua etnia, a sua classe social e o seu recurso económico, ainda hoje nos tempos

³²Machado, Fernando L.; Leal, Sofia e Matias Ana R., (2005), “Desigualdades Sociais e diferenças culturais: Os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos”, *Análise Social*, XL (176), pp. 695-714.

Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n176/n176a13.pdf>

³³http://www.ipv.pt/millennium/millennium25/25_34.htm

em que vivemos, avaliar um aluno somente pelo seu decurso escolar é algo que pode ser alcançando com uma certa dificuldade.

O ideal seria que a escola fosse oferecida igualmente a todos sem distinção, onde o sucesso escolar tratasse de um mérito próprio, uma vez que todos estão expostos à mesma exigência, ultrapassam os mesmos obstáculos, são oferecidos os mesmos métodos de ensino. Já nesse caso a escola não poderia ser acusada de iniquidade escolar, e ser culpabilizada pelo fracasso escolar dos alunos, pois nesta circunstância cabe a cada um agregar o que a escola oferece relativamente ao seu empenho nos estudos para o alcance do sucesso escolar.

- **Os principais modeladores sociais**

A socialização é um processo complexo onde a comunicação complementa a assimilação social de forma a tornar capaz a inserção da criança no meio onde faz ou fará parte. Esse processo de socialização tal como já foi referido, começa em família na primeira fase da vida da criança e vai fortalecer na escola, estendendo e solidificando a medida que vai passando por fases diferentes e mais complexas durante a sua vida.

A família e a escola são modeladores sociais que transmitem à criança um aprendizado formal e informal, que a auxiliará no seu comportamento quotidiano na sociedade. Ambos os agentes têm como objectivo influenciar através dos seus protótipos de socialização, a educação da criança.

A família é o primeiro tecido social onde a criança irá passar uma boa parte da sua vida, adquirindo experiência, desenvolvendo modelos de socialização adquiridos através da experiência ao longo da sua primeira fase de vida, que irá espelhar de uma forma significativa a sua nova experiência social, e este processo, ajuda para uma rápida e eficaz adaptação no novo agente socializador - a escola. Por tudo isso, as rotinas de socialização familiar são fundamentais para facilitar a nova rotina, a rotina da socialização escolar. Este novo modelo irá satisfazer um papel de reafirmação no percurso à socialização.

Ao longo dos anos, a medida que a criança vai se desenvolvendo, uma relação mais forte se estabelece entre a escola e a família. Verifica-se uma maior ligação entre ambos os agentes socializadores, o que implica um maior sucesso na educação dos alunos/filhos.

No decorrer dos tempos torna-se imprescindível a associação da escola à família. Uma complementa outra e ambas serão fortes agentes para a ascendência da educação e dos valores das crianças. “É necessário que família e escola se encarem responsabilmente como parceiras de caminhada, pois, ambas são responsáveis pelo que produz, podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra.”³⁴

Quando a criança se confronta pela primeira vez com um novo modelo socializador (sistema de ensino), este sai do seu primeiro universo (a família) e vai defrontar-se com um universo novo (a escola), pelo que o seu comportamento no início tende a ser negativo, pelo simples facto do universo familiar - onde viveu desde que nasceu, diferir do universo escolar - onde são impostos novas regras.

O modo de comportamento e o discurso linguístico dos universos são totalmente diferentes. Podemos observar as crianças entregues à creche ou ao ensino primário pela primeira vez. Essas crianças choram ao serem deixadas pelos pais às pessoas que os são desconhecidas e que não partilham qualquer afinidade com elas e os pais ficam tristes por deixarem os seus filhos pela primeira vez entregues a um mundo diferente daquele a que os seus filhos estão habituados. Por isso é primordial a participação dos pais na escola e em casa, ajudando com a sua presença e participação na aprendizagem e na integração do filho na escola.

Tem-se destacado cada vez mais o envolvimento da família na escola, motivo este que mostra que tem havido mais comunicação entre estes dois agentes que têm em comum o interesse no desenvolvimento e na aprendizagem da criança dentro e fora da escola. Ao estabelecer a comunicação, a família e a escola facultará um contacto entre si com o objectivo de proporcionar uma a outra notícias do filho/aluno acerca do seu comportamento, da sua evolução e das barreiras que encontra ao longo da sua evolução escolar e também o que podem fazer em casa para assistir os seus filhos de forma a os ajudar a superar esses obstáculos.

³⁴ <http://www.rieoei.org/1821.htm>

Segundo o artigo “participação da família no projecto educativo e na vida da instituição educativa”³⁵, a relação positiva entre família e escola pode contribuir para um melhor relacionamento e facilitando as aprendizagens. Pois o envolvimento família/escola tem um peso significativo no rendimento escolar dos alunos. E que por sua vez resultam na obtenção de melhores resultados escolares.

Essa informação partilhada entre escola e família também tem como objectivo conhecer melhor a família dos educandos. Sem dúvida que os pais querem o melhor para os seus filhos e do mesmo modo a escola também quer o melhor para os seus educandos.³⁶

Neste sentido é importante que estes agentes mantenham uma conexão recíproca, uma vez que é muito importante para o progresso da criança. O papel destas potências educativas torna-se uma alavanca que ajuda a estimular e a activar a concentração desses futuros cidadãos no sucesso escolar.

1.3.3 - Meio/Sociedade

A sociedade, tal como a família e a escola, também é um modelador social. A família e a escola são os principais agentes socializadores e os que contribuem fortemente para o lucro escolar do filho/aluno, porém a que dar à sociedade a sua devida importância, na sua cota parte para a modelação do indivíduo. Pois, a sociedade em que o indivíduo está inserido, intervém de certa forma na sua vida, moldando as suas acções, o seu comportamento perante o meio em que vive.

A opinião da sociedade sobre o indivíduo também influencia o seu comportamento. Esses agem de acordo com as normas sociais em que estão inseridos. Então a sociedade controla os seus comportamentos e caso não agirem em concordância com o meio em questão, são afastados, excluídos e esquecidos.

Segundo os dados da investigação³⁷, muitos colocam a responsabilidade de educar somente para a escola e família, mas é necessário esclarecer que a educação é um

³⁵ <http://educacaodeinfancia.com/a-participacao-da-familia-no-projecto-educativo-e-na-vida-da-instituicao-educativa/>

³⁶ <http://educacaodeinfancia.com/a-participacao-da-familia-no-projecto-educativo-e-na-vida-da-instituicao-educativa/>

³⁷ <http://pedagogiaescolaradm.blogspot.pt/2009/11/escola-e-o-envolvimento-da-familia.html>

processo contínuo, que deve vir da casa, da sociedade para a escola, que só irá formalizar o ensino. Por isso é necessário esclarecer que tanto a escola, a família bem com a própria sociedade são fundamentais para o progresso do ensino da criança, todos estes agentes têm o poder de accionar em simultâneo a aprendizagem que acompanhará a criança no seu desenvolvimento diário.

A sociedade portuguesa tem revelado uma sociedade muito acolhedora aos recém-chegados e juntamente com o aumento da taxa de entrada dos imigrantes, cada vez mais são reforçadas as leis que garanta os direitos dos imigrantes³⁸ e garantindo que essas não sejam violadas.

Mas muitos desses jovens cabo-verdianos que residem nos bairros são conotados pela negativa pela sociedade portuguesa, devido á factores que marcam o dia-a-dia destes jovens. Estão expostos todos os dias à delinquência, à prostituição, ao vandalismo, ao insucesso escolar, ao abandono escolar precoce, às drogas, ao alcoolismo, à gravidez precoce, etc. Entre muitas problemáticas e desvantagens expostas, existem muitas outras contingências que perseguem essa nova categoria populacional, a dos jovens imigrantes em situação de fracasso na escolaridade.

Nestes bairros desfavorecidos onde vivem estes jovens imigrantes, também o que chama muita atenção é a falta de jardins-de-infância. Por esse motivo muitos vão à escola sem terem frequentado o ensino pré-escolar. Essa problemática tem afectado muito o desempenho das crianças no ensino, dificultando o seu desenvolvimento em torno do seu meio social e escolar, afectando a sua aprendizagem, obtendo assim um desempenho negativo no seu percurso escolar, provocando um duplo bloqueio da criança na sua relação escolar e social. A desigualdade de oportunidade sente-se logo a entrada para a escola.

Quando encontramos essas pessoas nessa situação precária, de extrema pobreza, vulneráveis à exclusão, à desigualdade, o nosso pensamento imediato é, “talvez se investirem numa formação a longo prazo, poderão a fim desse período de tempo ter um trabalho melhor e conseqüentemente uma vida melhor.” Neste âmbito é de se considerar que um investimento na qualificação pessoal resulte na resolução de alguns dos graves

³⁸ Segundo o artigo do José Leitão “É elevado o nível de reconhecimento de direitos aos imigrantes em Portugal.” Disponível em : http://janusonline.pt/2001/2001_3_3_5.html

problemas sociais. Pelo que apostar no ensino tem claramente muita importância nesse sentido.

Mas por outro lado, apesar da educação ser um importante veículo que ajude a ultrapassar barreiras e a conseguir alcançar um certo patamar na sociedade, que poderá garantir alguma estabilidade, nem sempre esse patamar garante que não sejamos vítimas de diferenças sociais. Todavia apesar de não nos tornar inatingíveis, o certo é que resolve muitos problemas que sem a educação seria impossível ultrapassar.

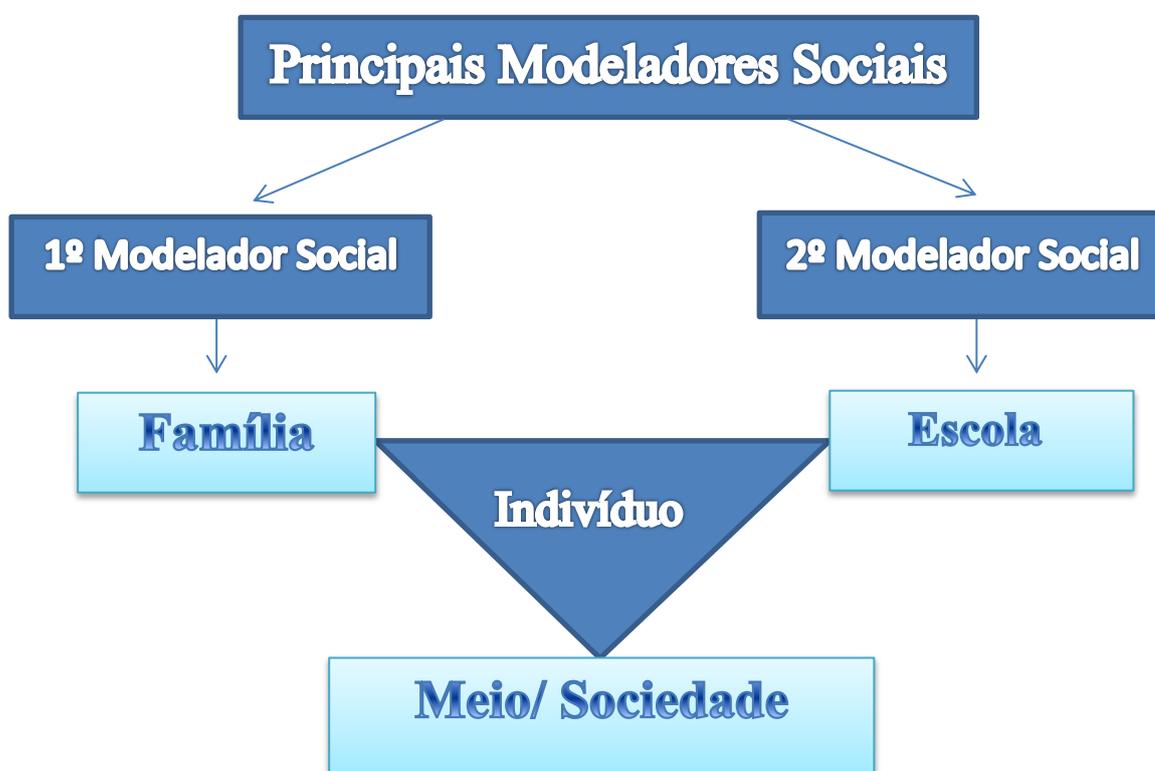


Figura nº6, capítulo I: Os principais agentes de sucesso/ insucesso escolar

1.4. – Políticas Públicas nas áreas da integração, das migrações e do sucesso escolar

É essencial abordar a importância da política de integração dos imigrantes³⁹ no projecto em questão, destacando o que se tem feito para minimizar um pouco o fenómeno em abordagem. A política de educação é a principal política de integração para as crianças e jovens filhos de imigrantes. Com a ausência dessa política seria quase impossível a inclusão social, pois gera uma sequência de fenómenos causados pela falta de formação, nomeadamente a dificuldade na inserção no mercado de trabalho e na entrada para a classe média.

A educação deveria ser o sinónimo de igualdade de oportunidades. Porém, tem-se conferido muitas desigualdades sociais nos institutos escolares. A segunda geração é o grupo imigrante mais vulnerável, no que toca à inclusão social e escolar, pois esse grupo é um dos maiores alvos da pobreza, factor causador da exclusão, o que requer uma peculiar atenção por parte da política de integração, no desígnio de promover a igualdade de oportunidades e a coesão social.

O Estado tem uma elevada importância na contribuição para a inclusão social, escolar e económica dos imigrantes, pois ao contribuir nesse processo está a extinguir as desvantagens no acesso ao emprego, à saúde, à educação e, em parte, atenuando um pouco a desigualdade sofrida pelos jovens imigrantes, o que teria uma maior repercussão, caso houvesse a ausência dessas políticas.

A política de integração é um processo de inclusão entre os imigrantes e os indivíduos da sociedade do país de acolhimento, onde ambos adaptam-se de forma a interagirem entre si. Foi adoptado nos últimos anos, em Portugal, uma Política de Acolhimento e Integração de imigrantes, ao depararem com o acelerado crescimento do fluxo imigratório.

“Do ponto de vista político, assistiu-se à tomada de algumas medidas de política social e educativa e à criação de alguns organismos com vista à tentativa de resolução do “problema”, assistindo-se a uma procura de soluções que frequentemente resultam da

³⁹ A política de imigração muito tem feito para proteger os imigrantes que chegam ao nosso país, através de medidas como: a nova lei da nacionalidade, a nova lei de estrangeiros, o plano para integrar os imigrantes, através do trabalho do Alto Comissariado para a Imigração, a promoção ao reagrupamento familiar, o programa português para todos, a promoção ao sucesso escolar para crianças e jovens imigrantes, a criação de redes de apoio ao emprego, o combate a exploração de trabalhadores e ao tráfico de seres humanos, entre outras políticas tão importantes como essas. Esses são marcos importantes reconhecidos pelo mundo, que segundo ONU, fez de Portugal o país com a melhor política de integração dos imigrantes.

percepção do “outro” como problema, negligenciando-se o facto de, para o “outro” o problema ser “nós”.⁴⁰

“A educação e a formação configuram áreas de prioridade política em Portugal. Da sua qualidade depende, em parte significativa, a sustentabilidade do desenvolvimento do país.”⁴¹ A política de educação é a principal política de integração para as crianças e jovens filhos de imigrantes. Com a sua ausência seria quase impossível a inclusão social e escolar desse grupo de imigrante, uma vez que são alvos de pobreza, factor esse causador da exclusão, e ao que indica carece de uma peculiar atenção por parte das políticas promovedoras da igualdade de oportunidade e coesão social.

As políticas têm uma elevada importância na contribuição para a inclusão social e económica dos imigrantes, pois contribui para extinguir as desvantagens por eles sofridos, e o que poderia ter mais repercussão caso houvesse a ausência dessas políticas. Por isso torna-se crucial a realização de tais procedimentos para o respeito dos direitos dos recém-chegados, no exercício das suas actividades.

Portugal tem um ensino organizado mas quando comparado aos restantes ensinos europeus, encontramos muitas fendas, mostrando claramente um défice no ensino pois ainda estamos numa situação de atraso muito acentuado em relação á muitos países europeus. O que também tem enfraquecido o nosso sistema de ensino é a existência de diferentes sistemas de ensino para cada grupo social, onde os grupos desfavorecidos ocupam um ensino miserável, com muitas falhas, com condições mínimas pedagógicas e que a cada dia vêm enfrentando diversas dificuldades, afectando assim o desempenho dos que dela usufruem.

O facto é que alguns países europeus têm um ensino bastante característico, onde investem muito na área educacional, no I&D e nos seus recursos humanos. Dominam a tecnologia, investem numa economia baseada no conhecimento e na inovação, onde articulam a economia à educação, pois cada vez mais o ensino é reconhecido como

⁴⁰ Casa-Nova, José Maria (2005), “(I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas”, *Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro*, v.13, n.47, pp. 181-216

Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/\(I\)%20Migrantes,%20diversidades.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/(I)%20Migrantes,%20diversidades.pdf)

⁴¹ Alves, Natália e Canário, Rui (2004), “Escola e exclusão social: das promessas às incertezas” *Análise Social*, vol. XXXVIII (169) pp. 981-1010

Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218650678S9rNN2a1Cx82TV2.pdf>

motor do crescimento económico, promovendo-se neste sentido uma maior mobilidade social e uma maior coesão na investigação.⁴²

“O «atraso» educativo manifesta-se ainda através da obsolescência dos conhecimentos e das competências facultadas pelo sistema educativo face às rápidas mutações de carácter tecnológico, consubstanciadas na designada «sociedade do conhecimento».” (Alves e Canário, 2004)⁴³

Para Seabra e Mateus (2010) “A democratização do acesso ao ensino registou nas últimas décadas, nomeadamente no contexto português, uma evolução considerável. Mas os resultados alcançados dentro do sistema, o princípio de igualdade de oportunidades promovido pelo mesmo, e a qualidade dos percursos oferecidos continuam fortemente marcados pelos princípios de diferenciação social e cultural (...).”⁴⁴

Nesse caso torna-se necessário uma política educativa sólida, para a promoção da igualdade de oportunidades no ensino, onde o objectivo primordial é a agregação da democracia à educação, sustentando assim o acesso ao ensino, de forma igualitária a todos os grupos sociais.

É no sentido de tapar as fendas deixadas, que a política educativa entra em acção. O Estado português muito tem feito para facilitar a integração escolar e social dos jovens imigrantes no sistema educativo e na sociedade. Muitas foram as medidas implementadas durante décadas, cujo objectivo era apoiar os jovens em risco de abandonarem as escolas, devido aos maus resultados e com risco de exclusão. Essas medidas políticas não só têm servido de base a muitos programas, com a finalidade do apoio escolar e na valorização da formação, como contribuindo para o desenvolvimento de actividades culturais.

Um grande sucesso destas medidas foi o **Programa do Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP)**⁴⁵. Cujo objectivo era estabelecer prioridade à segunda

⁴² Matéria dada na aula de Economia e Políticas Europeias, com Isabel Salavisa, no ISCTE ano lectivo 2010/2011.

⁴³ Alves, Natália e Canário, Rui (2004), “Escola e exclusão social: das promessas às incertezas” *Análise Social*, vol. XXXVIII (169) pp. 981-1010

Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218650678S9rNN2al1Cx82TV2.pdf>

⁴⁴ Seabra, Teresa e Mateus, Sandra (2010), “Trajectórias escolares, propriedades sociais e origens nacionais” *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, pp. 411-424

Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8810.pdf>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022007000300013&script=sci_arttext

geração, actuando nas escolas localizadas em zonas socialmente problemáticas que tem dificuldade em obter resultados positivos na escola, progredindo e apoiando o desenvolvimento de projectos educativos de forma a melhorar a qualidade educativa, barrando o abandono escolar, fomentando o sucesso escolar.

Foi realizado um estudo às escolas onde foi implantando este programa, com o objectivo de testar o seu sucesso. Estudo esse concebido pelo Ministério da Educação e aplicado por um grupo de investigadores do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE, coordenado por Pedro Abrantes, tendo chegado à conclusão de que o abandono e a indisciplina têm reduzido de forma significativa na grande maioria das escolas e que os alunos têm respondido positivamente aos resultados escolares.

O Programa de Educação para Todos (PEPT), propôs assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória de nove anos com sucesso. Este programa orienta-se por um conjunto de objectivos, dos quais se destacam as seguintes: *“Promover a igualdade de oportunidades...criando as condições de acesso a uma escolaridade para todos, e cuidando, em simultâneo, das condições frequência e seus resultados...”*; *“criar uma cultura de escolaridade prolongada...”*; *“promover a melhoria da qualidade da educação e do ensino...”*

Uma outra medida muito importante foi a da implementação do **Plano do Português Língua Não Materna (PLNM)**, onde o grande objectivo era apoiar os alunos que não tinham como língua materna o Português, integrando-os social, cultural e escolarmente. Um dos principais motivos do fraco desempenho escolar e elevada taxa de abandono e insucesso escolar dos alunos imigrantes reside no desconhecimento da língua materna do país de acolhimento. Para além de se sentir excluído por não saber expressar, tendo muita dificuldade em se comunicar, torna difícil a sua aprendizagem, estando numa posição de muita vulnerabilidade face a qualquer situação. Muitos autores defendem até que o sucesso torna-se mais fácil quando são bilingues, pois foi feito um estudo que destaca maior probabilidade de sucesso escolar numa criança bilingue.

⁴⁵ O programa TEIP é uma medida política que teve o seu início em 1996. Em 2006 foi relançado com a designação de TEIP2, implementado em 3 fases: a primeira, abrangeu 35 nos anos lectivos de 2006/07 a 2008/09, a segunda fase foi alargado as outras 24 escolas/agrupamentos e na terceira fase do Programa foram incluídas mais 47 escolas/agrupamentos para os anos de 2009 a 2011.

O objectivo dessas medidas é promover a igualdade de oportunidades tornando a escola num espaço onde não predomine classes sociais. Assim sendo a prática educativa expande a volta, uma espécie de justiça escolar onde todos devem ter uma igualdade de oportunidade no acesso à escola, garantindo uma equidade no seu percurso escolar.

Apesar das medidas impostas ainda há muito por fazer em relação a igualdade de oportunidades no ensino português, pois ainda muitos alunos imigrantes mostram alguma dificuldade na aprendizagem da língua portuguesa e nas matérias dadas na escola.

Segundo Seabra ⁴⁶ apesar das tentativas de facultar uma maior igualdade de oportunidades, tanto ao nível de acesso como às condições escolares, de modo a garantir igualdade de oportunidades, os processos de segregação escolar não têm deixado de se fazer sentir, em diversas formas no interior do próprio sistema de ensino.

Temos ainda um longo caminho pela frente. O que poderia ser feito para colmatar esta disparidade era adaptar um sistema de ensino à dificuldade de cada aluno de modo a diminuir o insucesso no ensino, uma vez que cada aluno tem a sua dificuldade, o seu nível de interesse, as suas motivações e aptidões. Mas para isso será preciso reformas nos sistemas educativos, implantação de pedagogias com condições para esse tipo de ensino adaptado, estabelecer medidas mais profundas, gerir os métodos educativos e reforçar a intervenção dos actores educativos na vida escolar. É preciso um trabalho colectivo, desde os alunos e professores às restantes entidades envolvidas no ensino, trabalhando todos para o mesmo fim – combater o insucesso, abandono e a exclusão escolar, garantir uma igualdade de oportunidades no acesso escolar e moldar a oferta de ensino á diferentes alunos.

Defender uma justiça educativa, uma igualdade de oportunidade e uma diminuição das discrepâncias escolares, não é um procedimento fácil de se garantir. Trata-se de um processo complexo e de difícil realização, onde mesmo depois da obtenção de algum sucesso, é preciso estar sempre presente, estar atento as novas medidas e estratégias do aperfeiçoamento do sistema educativo.

⁴⁶ Seabra, Teresa (2009), “Desigualdades Sociais e Desigualdades Escolares” Sociologia, Problemas e Práticas, 59 pp. 75-106

Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a05.pdf>

Capítulo II – Principais Características da Imigração em Portugal

2.1. – Portugal – da emigração à imigração e de novo à emigração

Portugal que era conhecido como um país essencialmente de emigração passou também a ser conhecido como um país de acolhimento, em que se tem notado expressivo número de imigrantes nesse território. “Portugal foi, durante muitos anos, considerado um país de emigrantes tendo os imigrantes apresentado, em termos gerais, um valor mais diminuto. A partir do último quartel do século XX e sobretudo nos anos 90 a imigração passa a ter grande expressão (...)”⁴⁷

Embora alguns autores defendam que Portugal, de um país de emigração passou a ser um país de imigração, isto não corresponde a verdade, pois após uma análise e comparação de dados e textos de autores diferentes se constata que efectivamente, Portugal apesar de ser um país conhecido essencialmente pela sua emigração, passou também a ser conhecido como um país de acolhimento a imigrantes, ou seja passou a combinar os dois fenómenos em simultâneo, o da saída de nacionais que procuram por melhores condições em outros territórios e o de acolher pessoa que também chegam com a mesma finalidade.

“Vive-se, presentemente, numa época em que se assiste a uma significativa diversificação da composição cultural e étnica da sociedade portuguesa, em resultado da instalação, no território nacional, de um número expressivo de imigrantes.”⁴⁸

“Os fluxos migratórios internacionais, em ambos os sentidos – emigração e imigração têm tido desde há muito um papel muito importante nas transformações demográficas em Portugal.”⁴⁹ Essa corrente de imigrante tornou Portugal a principal escolha de destino das colónias portuguesas, deixando de ser um país essencialmente de emigração, Portugal se transforma num país de imigração, passou a conjugar os dois fenómenos - o da emigração e o da imigração.

⁴⁷ Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses Disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2036/136A.pdf>

⁴⁸ Breve caracterização da imigração, Rev Port Clin Geral 2009;25:40-4

⁴⁹ Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses Disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2036/136A.pdf>

Nessa época, mais precisamente nos anos 60 o país acolhia um fluxo considerável de imigrantes provenientes das ex-colónias, onde o número maior de imigrantes resultava de Cabo Verde, por razões muito simples, como a partilha da mesma língua, a qual facilitava uma melhor comunicação com os nativos do país receptor, e ainda, as ligações culturais, bem assim a própria temperatura, já que, no país de acolhimento se fazia sentir menos frio que os restantes países da Europa. Ademais, na altura, Portugal apresentava-se como o país de oportunidades mais próximo de Cabo Verde.

“Relativamente aos cabo-verdianos, Portugal é o segundo país, depois dos Estados Unidos da América, a ocupar o papel de receptor da diáspora cabo-verdiana. Esta comunidade residente em Portugal, apesar de numerosa (...), é visivelmente aquela que apresenta um estatuto socioeconómico mais baixo, principalmente devido às suas baixas qualificações em termos profissionais. (Saint-Maurice, 1997).”⁵⁰

Com a revolução de 74 e com a libertação das colónias portuguesas (independência de Cabo Verde em 75), muitos portugueses que estavam emigrados, retornam ao seu país de origem, e desta forma ficaram a ser conhecidos pelos “retornados”. Na mesma linha Ferreira (2005) assegura que numa segunda fase, após as independências africanas, muitos portugueses que viviam nesses novos países regressaram a Portugal, ficando conhecidos como os “retornados”.

“A vinda dos “Retornados” desempenhou um papel importante no aumento do número de indivíduos oriundos dos países de língua oficial portuguesa (PALOP) que emigraram posteriormente para Portugal”⁵¹ Segundo Carlos fontes estima-se que entre 1963 e 1974, tenham vindo para Portugal 104.767 imigrantes cabo-verdianos.⁵²

Durante décadas o principal destaque ia para os imigrantes cabo-verdianos. Revelando uma extrema importância não só pela história, mas também pelo número. “Ao nível das comunidades de imigrantes presentes em Portugal, a dos cabo-verdianos assume-se como a de maior importância, não apenas pelo facto de ser a segunda mais numerosa, mas, sobretudo, por ser a mais antiga.”⁵³ Numa mesma linha de pensamento Teresa

⁵⁰ Ferreira, Teresa (2005), *A imigração em Portugal: Um olhar sobre o caso cabo-verdiano*, Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004012.pdf>

⁵¹ Breve caracterização da imigração, *RevPortClin Geral* 2009;25:40-4

⁵² <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexCVEmigracaoPortugal.html>

⁵³ Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses

Disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2036/136A.pdf>

Ferreira (2005), relata que numa última fase da imigração, nos anos 80, verificou-se a continuidade da imigração proveniente dos países lusófonos, sendo que o povo que mais se destaca em termos numéricos é o cabo-verdiano.

“Após meados dos anos 80, pode-se falar de um terceiro período. A partir deste momento, a imigração cabo-verdiana para Portugal retoma características de imigração laboral, só que agora no quadro das migrações internacionais e não no âmbito dos fluxos situados no quadro de um Império Colonial.”⁵⁴ Característica laboral marcada por trabalhadores com mão-de-obra não qualificada, baixa escolaridade, que ocupavam trabalhos precários e tinham uma baixa remuneração.

Nos anos seguintes, mais precisamente nos anos 90, após o encerramento de uma fase complexa de imigração constituída essencialmente por imigração PALOP, abriu-se uma nova vaga de imigração, onde novas e variadas nacionalidades deram entrada á Portugal. Essas novas nacionalidades foram assumindo o comando das comunidades presentes em Portugal. Umas destacando pelo seu estatuto socioprofissional, outras pelo número, e outras ainda, pela história, sendo algumas pela negativa e as demais pela positiva.

As causas das migrações foram quase sempre as mesmas, a débil situação económica do país onde o individuo se encontra e a procura de uma melhor condição de vida. Com a crise em que vivemos na actualidade, não modifica em nada a “tradição migratória”, pelo contrário cada vez mais intensifica esse fluxo.

Agora para além de haver a emigração normal, onde o individuo sai do seu país de origem que se encontra em crise e vai para um outro país com melhores condições, como há quem saia do país emigrado para emigrar novamente para um outro país com melhores condições do que o anterior, ainda há uma outra possibilidade, o do regresso ao país de origem, fugindo da crise dos países anteriormente emigrados, onde por vezes o seu país de origem encontra-se actualmente economicamente melhor do que o país emigrado outrora.

⁵⁴ Ana Paula Beja Horta, Jorge Macaísta Malheiros, Os cabo-verdianos em Portugal: processo de consolidação, estratégias individuais e acção colectiva

Entre 1963 e 1974 entraram cerca de 104.767 imigrantes cabo-verdianos

Fases / Anos	Caracterização da imigração em Portugal
Anos 60	<ul style="list-style-type: none"> → “Inauguração” da imigração em Portugal → Particularidade: Ex-colónias → Destaque: imigrantes cabo-verdianos
Anos 70	<ul style="list-style-type: none"> → Revolução de 74 → Libertação das colónias → Vinda dos “retornados” → Aumento da Imigração PALOP
Anos 80	<ul style="list-style-type: none"> → Características laboral PALOP: Mão de-obra não qualificada: Baixa escolaridade Trabalhos precários Baixa remuneração
Anos 90	<ul style="list-style-type: none"> → Novas nacionalidades em destaque: Brasil, Leste/Sudeste da Europa → Estatutos sociais e profissionais diversificados

Tabela nº1, Capítulo II: Fases da imigração em Portugal

2.2. – Primeira, Segunda e Terceira Geração de Imigrantes Cabo-verdianos em Portugal – Tendências e Diferenças

Estima-se que terá sido a partir do século XX, mais precisamente na década de 60 que as portas da Europa foram abertas aos imigrantes laborais do continente africano, devido a situação precária existente na altura, tendo-se visto na imigração a única solução possível. Nessa década os refugiados das colónias, designadamente, Cabo Verde, chegavam ao país motivados pelo flagelo da seca e das fomes, que sempre assolaram as ilhas do arquipélago, aumentando os fluxos imigratórios após a perda da dominação portuguesa e com o advento da independência das colónias.

Ainda nos anos sessenta a economia portuguesa passava por uma fase de crescimento muito acentuado e com mais oportunidades de emprego. Mas como havia carência da mão-de-obra não qualificada para a construção urbana devido a alta taxa de emigração portuguesa, os imigrantes africanos, principalmente os cabo-verdianos foram atraídos

pela necessidade de mão-de-obra nas áreas metropolitanas de Lisboa (AML), pelo que, chegaram dessa forma para trabalhar na construção civil e nas obras públicas nas metrópoles.

“O governo português promove a vinda destes emigrantes a fim de colmatar a falta de mão-de-obra que se fazia sentir para as obras públicas (construção do metropolitano de Lisboa, Hotéis no Algarve, obras várias no Porto). Calcula-se que entre 1963 e 1974, tenham vindo para Portugal 104.767 imigrantes cabo-verdianos.” (...) Em 1975 “Na sequência da descolonização, nos espaços de dois anos entraram em Portugal uma importante vaga de novos cabo-verdianos”⁵⁵

Nos anos 70, a vinda dos «Retornados» desempenhou um papel importante no aumento do número de indivíduos oriundos dos países de língua oficial portuguesa (PALOP) que emigraram posteriormente para Portugal (...).⁵⁶ É ainda nesta época que começam a ganhar corpo, ainda que de forma muito ténue, o actual fluxo imigratório com origem nas colónias africanas.⁵⁷

Segundo Carlos fontes, após a descolonização foram empurrados para a emigração milhares de cabo-verdianos. É enorme o número dos que chegam a Portugal nos anos 80. As condições não eram propriamente as melhores, mais de 90% destes novos emigrantes instala-se na região de Lisboa-Setúbal, uma parte significativa desta nova vaga de emigrantes, instala-se em improvisados bairros de barracas, que não tardam a transformar-se em autênticos “guetos” onde os problemas sociais se avolumam, como o tráfico de droga. Alguns membros destas comunidades são vítimas atentados racistas.”⁵⁸

Com a elaboração dessas grandes obras públicas, essa primeira geração de imigrantes cabo-verdianos recrutados para este trabalho eram sobretudo homens. Chegavam cá solteiros ou tinham deixado a família para traz em Cabo Verde a fim de garantirem algum dinheiro e voltarem assim que possível. A maioria vinha desempenhar trabalhos desqualificados pois eram analfabetos ou tinha baixa escolaridade o que não os permitia

⁵⁵ Emigrantes cabo-verdianos em Portugal, Carlos fontes

Disponível em: <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexCVMigracaoPortugal.html>

⁵⁶ Estrela, Paulo (2009), *Breve caracterização da imigração em Portugal*, dossier: multiculturalidade, Rev Port Clin Geral 2009;25:40-4

⁵⁷ Esteves, Maria do céu (org) (1991), *Portugal, país de imigração*, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, caderno 22

⁵⁸ Emigrantes cabo-verdianos em Portugal, Carlos fontes

Disponível em: <http://lusotopia.no.sapo.pt/indexCVMigracaoPortugal.html>

obter trabalhos com melhores remunerações e menos precários. Essa, a razão por que esta comunidade habitava em locais degradados como em barracas ou em bairros periféricos próximo do local de trabalho, pois assim teriam maior facilidade em deslocarem-se e estariam próximos do centro onde predomina o sector que estão aptos á trabalhar - os sectores da construção civil e obras públicas.

Podemos constatar que nessas últimas décadas entraram dois tipos de imigrantes, os trabalhadores não qualificados, empregues na construção civil, com o objectivo de preencher a carência de mão-de-obra nesse sector, por falta de mão-de-obra nacional para fazer tal serviço, pois nessa época muitos portugueses emigraram para o sul da Europa e os trabalhadores com formação. Mas Maria do Céu Esteves assinala mais um importante movimento migratório cabo-verdiano “O dos estudantes africanos que se instalam em Portugal para frequentar a universidade, (...)”⁵⁹

Para a autora, a imigração era essencialmente organizada por indivíduos da colónia portuguesa que vinham com objectivos académicos ou à negócio, e a este grupo juntavam outros imigrantes que chegavam com fins de desempenhar actividade laboral, ocupando uma profissão não qualificada.

Portugal se caracteriza pela intenção, à partida, de ser detentora de uma imigração laboral temporária, frequentemente individual, pelo que é, geralmente, constituída predominantemente por homens.⁶⁰ Mas com o passar do tempo, depois de decidirem ficar por um período mais longo, as saudades apertavam e por se sentirem sozinhos num país onde a cultura e as pessoas eram ligeiramente diferentes dos seus povos, resolveram recrutar a família, trazendo as mulheres e os filhos.

No início a imigração cabo-verdiana foi sobretudo masculina. Mas as mulheres começaram a chegar num segundo momento, quando os homens já tinham alguma garantia de que iriam ficar por um período longo.⁶¹ Multiplicando e diversificando a mão-de-obra desqualificada, onde os homens continuam na construção civil e as mulheres vieram para trabalhar nas limpezas e nos serviços domésticos.

⁵⁹ Esteves, Maria do Céu (org) (1991), Portugal, país de imigração, Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

⁶⁰ Estrela, Paulo (2009), *Breve caracterização da imigração em Portugal*, dossier: multiculturalidade, Rev Port Clin Geral 2009;25:40-4

⁶¹ Batalha, Luís, *Contra a corrente dominante: histórias de sucesso entre cabo-verdianos da segunda geração*, Etnográfica, Vol. VIII (2), 2004, pp. 297-333

Disponível em: http://www.iscsp.utl.pt/~lbatalha/downloads/cv_2ger.pdf

1ª Geração de imigrantes	1ª Fase de Imigração
	Solteiro: Sem a esposa e sem os filhos (só chegaram na 2ª fase)
	Escolaridade: Analfabetos/ baixa escolaridade
	Trabalho: Obras Públicas, construção civil
	Condições de trabalho: desqualificados, precário e baixa remuneração
	Habitação: barracas, bairros periféricos, degradados

Tabela nº2, capítulo II: Características da 1ª fase da imigração da 1ª Geração de Imigrantes Cabo-verdianos

A imigração africana começa a ser vista como um ciclo sem fim, pelo que nos anos seguintes até hoje, é marcada por expressivos movimentos migratórios de africanos provenientes das ex-colónias, onde os cabo-verdianos continuam a destacar entre as nacionalidades que mais dão entrada em Portugal.

Entre este vaivém de imigrantes cabo-verdianos deu origem a terceira geração de imigrantes. Os avós chegaram numa primeira fase, depois numa segunda fase a mulher ou os filhos vieram, esses filhos são os imigrantes da segunda geração, Muitos dos descendentes vieram quando pequenos, cresceram na sociedade de acolhimento adquirindo alguns hábitos, tiveram os seus filhos, esses nasceram cá e são designados por terceira geração de imigrantes cabo-verdianos ou ainda os filhos da segunda geração de imigrantes cabo-verdianos, estes adquiriram os costumes da população autóctone identificando-se um pouco mais com a sociedade que recebeu os pais e os avós, mas ainda há uma certa crise de identidade.

Eles são diferentes dos pais e dos avós e a sociedade os vêem de uma forma diferente também. Estes jovens são tratados por “filhos da segunda geração de imigrantes”, pois existe uma diferença de geração, de valores e de comportamento. Por isso são vistos pela sociedade de forma diferente. Eles não querem ter a mesma vida árdua dos pais, mas muitos não percebem que a única forma de desviar dessa realidade é empenharem-se nos estudos.

“Enquanto os pais se vêem e são vistos como gente honesta, trabalhadores, esforçados e humildes, frequentadores da igreja, os filhos não possuem a mesma ética de trabalho e humildade e são vistos como um problema na sociedade pós-colonial.” (Batalha, 2004)⁶².

Os jovens imigrantes têm uma visão diferente da dos pais, identificam-se com os nativos do país de acolhimento e sentem-se portugueses, mas muitas vezes não são considerados como tais pela maioria da sociedade portuguesa, trazendo consequências na sua identificação, ficando um pouco difusa, pois muitas vezes eles próprios em determinadas situações não conseguem decifrar se são cabo-verdianos ou portugueses.

“Os imigrantes de segunda geração são diferentes dos seus antecessores, uma vez que estes têm um contacto mais efectivo com a cultura cabo-verdiana, enquanto que aqueles aprendem mais rapidamente a nova língua, nomeadamente através da educação escolar e do contacto com portugueses em diferentes espaços de sociabilidade.”⁶³

É necessário compreender esta diferença sociocultural entre os pais e os filhos imigrantes. Estes olham para vida na sociedade do acolhimento de maneira diferente, pois muitos dos pais imigrantes deixaram uma parte da sua vida no país de origem, deixaram amigos, familiares, uma parte da sua cultura e muitos vêm a procura de melhores condições para um dia regressar ao seu país de origem. Já os filhos que nasceram e/ou cresceram no país do acolhimento, frequentam a escola e fizeram amizades desde pequenos, identificam-se com o estilo de vidas dos amigos autóctones, assemelham-se a cultura deles e regressar para o suposto país de origem, não faz parte das suas ambições.

“Enquanto a primeira geração imigrante ocupou o fundo da escala social do Portugal metropolitano, aceitando de forma pacífica a sua condição social, os seus descendentes possuem expectativas sociais mais elevadas, que desenvolveram no contexto da sociedade pós-colonial.”⁶⁴

⁶² Batalha, Luís (2004), “Contra a Corrente Dominante: Histórias de Sucesso entre Cabo-verdianos da 2ª Geração.” *Etnográfica* 8 (2) pp. 297-333.

⁶³ http://run.unl.pt/bitstream/10362/7169/1/tese%20versao%20final_revisto.pdf

⁶⁴ Batalha, Luís (2004), “Contra a Corrente Dominante: Histórias de Sucesso entre Cabo-verdianos da 2ª Geração”, *Etnográfica*, (online) 8 (2) pp.297-333.

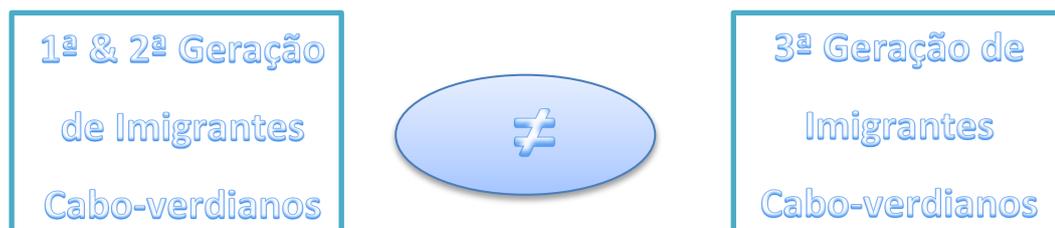


Figura nº1, capítulo II – Diferença entre gerações, valores e comportamentos

Essa diferença também se reflecte na escola. Embora a maioria dos pais desejam que os filhos tenham uma formação superior uma vez que é a única forma de terem uma vida melhor que eles próprios, existe ainda alguns pais que privam os filhos da frequência escolar. Uns por não terem condições, vivendo assim numa situação de desfavorecimento financeiros, onde não têm condições de arcar com os prejuízos escolares dos filhos, outros por não darem muita importância a escola, ocupando-os assim, com trabalhos domésticos que é o caso das meninas e no caso dos rapazes com trabalhos na construção civil, na obra ou no campo. Essa situação é uma boa parte da causa da elevada taxa de analfabetismo proveniente das classes desfavorecidas.

E quando não se trata da ignorância dos pais, para os que desejam ver os filhos a progredirem nos seus estudos, muitas vezes encontram-se numa situação de impotência perante as tarefas escolares dos filhos. Essa situação é muito complicada para os pais que não conseguiram um grau académico suficiente, pois não tiveram a oportunidade de prosseguir com os estudos. E quando não se trata da falta de capacidade entra o factor falta de tempo, estes pais trabalham muito para o sustento da família e mal têm tempo para acompanhar os filhos nas escolas. Esses pais sentem se angustiados perante esta situação e os filhos são os prejudicados, ficando assim numa posição de atraso e de desvantagem em relação ao resto da turma, gerando dessa forma uma fraca integração escolar e um fácil acesso á exclusão escolar.

Aqui neste caso faço referência á crianças mais pequenas que precisam mais do apoio dos pais na escola. Apoio essencial para o crescimento da autoconfiança para que no futuro caminhem com as próprias pernas quer nas actividades escolares quer na vida social.

2.3. – Filhos de Segunda Geração de Imigrantes nas escolas portuguesas

Existem muitos estudos que revelam altas taxas de insucesso escolar, onde muitos alunos cabo-verdianos têm destacado. No que concerne aos níveis de sucesso e insucesso escolares, os alunos portugueses de cultura cigana, seguidos dos alunos cabo-verdianos são aqueles que apresentam taxas de insucesso mais elevadas nos três ciclos do ensino obrigatório (Casa-Nova, 2005).

Ao tentar conhecer melhor este fenómeno que abarca os filhos da segunda geração de imigrantes, deparamos com uma pobreza em artigos disponíveis sobre este assunto, a centralidade do tema dá sempre sobre a sua baixa escolarização, analisado apenas o insucesso/ fracasso escolar, abrangendo todas as problemáticas em torno desta questão.

“Quando os filhos desses imigrantes chegaram à escola e começaram a apresentar insucessos repetidos, Portugal começou gradualmente a “acordar” para a realidade multicultural da sua sociedade e da instituição educativa, desfazendo-se assim, a partir do “problema” do insucesso escolar de minorias, “o mito da homogeneidade cultural” (CORTESÃO; PACHECO, 1991).”⁶⁵

“Os alunos descendentes de imigrantes cabo-verdianos constituíram, desde sempre, um dos maiores contingentes presentes na Escola portuguesa, principalmente nas escolas das áreas urbanas ou suburbanas, onde foram sempre identificados como aqueles que experimentam mais dificuldades de integração escolar.”⁶⁶ Para o autor com estas dificuldades escolares desde cedo os alunos descendentes mostraram a sua dificuldade na aprendizagem e por parte da escola dificuldades em vincular com esses alunos portadores de uma cultura diferente.

Ao longo dos anos nos sistemas de ensino, pôde-se observar técnicas, sistemas e programas de ensino excelentes aplicados para o real proveito dos que deles carecem, ajudando no entrave de problemas escolares que hoje tornam-se inaceitáveis num país desenvolvido como Portugal. São projectos que acompanham alunos com dificuldades

⁶⁵ Casa-Nova, José Maria (2005), “(I)Migrantes, diversidades e desigualdades no sistema educativo português: balanço e perspectivas”, *Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro*, v.13, n.47, pp. 181-216

Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/\(I\)%20Migrantes,%20diversidades.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7886/1/(I)%20Migrantes,%20diversidades.pdf)

⁶⁶ Évora, Gustavo (2011) “Sucesso escolar nos alunos de origem cabo-verdiana: O caso dos alunos que ingressam no ensino superior português”. Actas do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.

Disponível em:

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316132737_ARQUIVO_CONLAB2011.pdf

de aprendizagem, alunos com dificuldade de inserção, alunos com cuidados especiais, etc. podemos dizer que para cada aluno desenvolveu-se um programa específico adequado ao seu ritmo de aprendizagem e a sua determinada carência escolar. Estruturas indispensáveis que elevam aos bons resultados e que superam o problema que subsiste em não desaparecer.

Pesquisas revelam que Portugal é um dos países europeu com altas taxas de reprovação⁶⁷ e com maior taxa de abandono escolar.⁶⁸ É importante então conhecer um pouco o sistema escolar em Portugal para então perceber o sistema onde estão inseridos os jovens descendentes de imigrantes.

Portugal estagnou-se no fracasso escolar, para além da persistência das altas taxas de reprovações todos os anos, há uma fraca avaliação no ensino, é visível de um modo geral a falta de integração nas escolas, a falta de formação dos professores e as demais personagens escolares que acompanham as crianças problemáticas, com dificuldade de aprendizagem e de inserção, principalmente nas escolas carenciadas inseridas em bairros pobres, conclui-se que os resultados no geral não são nada animadores. Caso não se encontre uma forma de combater esses resultados, procurar a soluções para contrariar estas estatísticas de forma a melhorar esses resultados, Portugal terá muitas dificuldades em conseguir acompanhar os resultados dos outros países da Europa.

Um dos grandes obstáculos encontrados no sistema escolar português para os jovens imigrantes é a dificuldade em perceber as linguagens escolares utilizadas nas escolas pelos docentes. Estes alunos têm muitas dificuldades em absorver os ensinamentos transmitidos uma vez que provém de meios sociais diferentes. E as escolas portuguesas precisam mudar de postura em relação a esses alunos “especiais”, pois várias escolas, nomeadamente as com vários alunos cabo-verdianos continuam a trabalhar com o antigo funcionamento, não adaptado as dificuldades desses alunos. É necessário moldar essas escolas á essas novas necessidades, de modo a facilitar a integração desses jovens sem que sintam pressão durante esse processo de integração. Levando assim a cabo á problemática central definida - o défice escolar dos descendentes cabo-verdianos.

Em cabo verde a problemática escolar não passa despercebida a largos e longos anos, nem tão pouco se difere da problemática escolar dos jovens imigrantes em Portugal,

⁶⁷ http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=46387
<http://www.tvciencia.pt/tvcnot/pagnot/tvcnot03.asp?codpub=29&codnot=1>

⁶⁸ http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/Educacao/Interior.aspx?content_id=2596328

chegado mesmo a agravar, por se tratar de um país pobre onde existem poucos sistemas de ensino adequadas as necessidades de alunos com dificuldade na aprendizagem “O facto de esta população apresentar tão baixo nível de escolaridade poderá estar relacionado com as dificuldades encontradas no país de origem para prosseguir os estudos para além do ensino básico.”⁶⁹

Como em todo e qualquer ensino de qualidade, não basta ter excelentes materiais didáticos, conteúdos escolares actualizados e avançados, para um ensino de qualidade há que ter excelentes métodos de ensino e para que isso seja possível há que ter excelentes docentes, e por sua vez estes precisarão de formações complexas de forma a garantir uma melhor qualidade no desempenho da profissão.

Existe ainda uma minoria que consegue contrariar essa tendência, destacando no meio desta vastidão de fracassos escolares. Embora o *insucesso* caracterize os percursos escolares da maioria dos alunos de origem cabo-verdiana, existe uma minoria que contraria essa tendência ao realizar percursos escolares “normais”, culminados no acesso e conclusão do ensino superior.⁷⁰

Na mesma linha de Batalha, Luís (2004)⁷¹, afirmam que apesar de a maior parte da segunda geração descendente de imigrantes cabo-verdianos estar a abandonar a escola cedo, uma pequena minoria tem-se mostrado capaz de ascender socialmente, ultrapassando as barreiras sociais, económicas e étnicas que se lhe deparam, e de integrar a corrente dominante da sociedade portuguesa pós-colonial.

Capitulo III- Estudo Empírico

3.1. – Metodologia

⁶⁹ Évora, Gustavo (2011), Disponível em:

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316132737_ARQUIVO_CONLAB2011.pdf

⁷⁰ Évora, Gustavo (2011), Disponível em:

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316132737_ARQUIVO_CONLAB2011.pdf

⁷¹ Batalha, Luís (2004), “Contra a Corrente Dominante: Histórias de Sucesso entre Cabo-verdianos da 2ª Geração.” *Etnográfica* 8 (2) pp. 297-333.

O estudo em caso teve um interesse por uma metodologia qualitativa através dos quais fez-se uma análise de casos concretos mediante as histórias de vida desses jovens que realizaram um estudo em cima da média, tendo em conta a realidade que vivem.

3.1.1- Técnicas de recolha de dados

O objectivo é estudar um dos problemas mais inquietantes que ressalta a vista da sociedade moderna, que são as altas taxas de insucesso escolar, que conduz á uma integração escolar negativa e ao abandono escolar dos jovens. Mas também é importante tirar partido dos bons resultados que têm vindo a emergir, abandonando um pouco o cenário de marginalização.

Foram feitas no total 10 entrevistas, 4 raparigas, 4 rapazes que vivem no bairro Cova da Moura e a 2 entidades que trabalham directamente com os jovens da Associação Cultural Moinho da Juventude. Uma das entidades entrevistadas acompanhou a Associação desde o seu nascimento, a 1 de Novembro de 1984. Onde teve em conta a percepção das dificuldades dos alunos da comunidade na escola e na sociedade e a adequada solução para estes problemas e a outra entrevista foi dirigida á um ex-delinquente que hoje tornou-se num dos educadores de respeito na comunidade, que treina uma equipa de futsal e defende os jovens de vergarem pelo mesmo caminho que ele andou.

Muitos dos entrevistados mantem uma ligação com a Associação Cultural Moinho da juventude, em criança frequentavam a Associação e hoje trabalham para o mesmo fim apoiar as crianças e os jovens que frequentam a Associação. O que tornou mais fácil perceber como funciona a Associação, perceber as dificuldades que as crianças e os jovens que frequentam a associação apresentam no que diz respeito a inserção social e escolar e também saber um pouco das suas expectativas escolares e profissionais futuras. Estas entrevistas servirão de guia para desenvolver o projecto. Uma de partida para nos inteirarmos da situação, e uma outra onde serão desenvolvidas questões relacionadas com o projecto.

Para estes entrevistados serão realizadas entrevistas num campo de estudo onde se identificam e se sintam a vontade. As entrevistas foram efectuadas em suas casas ou nos

seus locais de trabalho, de forma a conseguir mais espontaneidade nas respostas. Em relação a essa técnica utilizada para fazer o estudo será utilizada entrevistas semidirectivas⁷², tratado do método certo para pesquisar a situação em que vive o grupo alvo em questão, detectando os problemas inerentes no seu meio circundante.

3.1.2 - Grupo-alvo e território em estudo

A população alvo deste trabalho, são os filhos da segunda geração de imigrantes cabo-verdianos que nasceram ou cresceram em Portugal tendo nacionalidade cabo-verdiana e/ou portuguesa, provenientes de famílias humildes, com baixos rendimentos e com poucas condições, habitantes ou ex-habitantes do bairro da Cova da Moura. Foi escolhido o bairro Cova da Moura por ter uma imagem negativa perante a sociedade portuguesa, caracterizado pela população exterior como sendo um bairro violento, predominado a criminalidade, marginalidade e por outros aspectos negativos e que pode reflectir de forma negativa na vida social e escolar desses jovens, onde há percursos de insucesso e onde há a associação que desempenha um papel importante na vida desses jovens.

São grupos desfavorecidos onde domina a desigualdade de oportunidades e estão sempre em desvantagem nas suas vidas sócio-escolares, causando assim a dificuldade em ultrapassar as barreiras por eles encontrados.

Será bordando o trajecto escolar, as dificuldades encontradas ao longo da vida social, familiar e escolar. O que pôde ter influenciado no seu desempenho e trajecto escolar. Mostrando que mesmo dentro dessas dificuldades ainda se pode encontrar bravos exemplos de alunos que conseguiram ultrapassar essa barreira e abdicaram do cenário discriminatório e de exclusão. Com isso torna-se relevante também a análise de projectos implementados nesta área de ensino, com o objectivo investigar feitos que aumentaram o estímulo da aprendizagem, levando a cabo o bom resultado escolar, os bravos exemplos e ajudar os que estão em risco de abandonarem a escola.

⁷²“Geralmente, o investigador dispõe de uma série de pergunta-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação na parte do entrevistado.” (Quivy e Campenhoudt, 2008:192).

Esta pesquisa será realizada no Bairro Cova da Moura e na Associação Cultural Moinhos da Juventude, onde foi implementado alguns projectos específicos com o fim de ajudar os descendentes de imigrantes cabo-verdianos a superarem os seus problemas escolares. Projectos que serão igualmente abordados ao longo da dissertação.

3.2. – Problemática de investigação

Sabendo das dificuldades escolares da comunidade cabo-verdiana nas escolas portuguesas, suscitou-me a curiosidade em perceber os reais motivos das altas taxas de insucesso/ abandono escolar e as medidas que podem ser tomadas, no sentido de melhorar desempenho desses jovens que não conseguem alcançar o sucesso.

Para tentar perceber melhor o fenómeno da segregação social e escolar dos imigrantes, é importante saber o suposto ponto de partida. Os imigrantes vêm ao país de acolhimento com o intuito de melhorar a sua condição de vida, mas quando chegam á sociedade receptora encontram-se, na maioria das vezes, numa situação precária, porque vêm morar em barracas junto das famílias que já cá estão, por terem baixa escolaridade vão tendo acesso a empregos precários, onde têm um vencimento miserável e quando são ilegais, são obrigados a desempenhar trabalhos sem condições de salvaguardarem os seus direitos, tornando incapaz de satisfazer as necessidades primárias da família, vão “arrastando” inconscientemente os filhos para o mesmo fim. O final dessa história termina na segregação de ambos, os pais excluídos pela sociedade receptora e os filhos pela escola e mais tarde em fase adulta pela sociedade também.

Por isso analisar, adoptar estratégias e medidas para uma completa integração dos jovens imigrantes, torna-se muito importante. Hoje a segregação social e escolar desses jovens é um assunto muito abordado na área educacional, nos estudos e programas para as minorias étnicas. É importante ter em vista medidas que ajudam a população imigrante a aproximarem-se os seus resultados escolares aos dos da população autóctone, diminuindo as desigualdades existentes entre esses dois grupos étnicos.

Quando fala-se em estratégias, é preciso salientar o tipo de estratégias envolvidas nessa problemática que actuam com o objectivo de colmar os défices e diminuir o insucesso escolar. Mediante as estratégias envolvidas neste sentido, temos em destaque as

políticas educativas que por detrás estão os projectos educativos implementados nas áreas educacionais, cujo objectivo é melhorar a qualidade do ensino em Portugal permitindo a equidade e inclusão na educação. Mas também é essencial a contribuição de outros agentes – família, sociedade e escola – na estimulação da aprendizagem dos alunos em risco de insucesso, exclusão e abandono escolar.

3.3. – Hipóteses de investigação

A organização de uma investigação em torno de hipóteses constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade que caracteriza qualquer esforço intelectual, pois a hipótese traduz o espírito de descoberta de qualquer trabalho científico.⁷³

Na mesma linha de objectivo que as perguntas de partidas, as preposições hipotéticas mostram o caminho da pesquisa, servindo de fio condutor, entre uma preposição temporária e uma realidade onde mais tarde essa suposição é verificada.

Primeiro é de constatar que vários aspectos apontam para uma possível fórmula de sucesso escolar. Mas para adquirir-lo, é necessário um conjunto de factores que se liguem entre si propositadamente para o seu alcance:

1. Nestes caso, apesar dos encarregados de educação dos jovens imigrantes terem uma baixa escolaridade, trabalharem muito e não terem tempo nem competência para dedicarem a atenção aos estudos dos filhos existe uma certa valorização do ensino;
2. Não só torna-se importante a valorização dos pais do ensino para o sucesso escolar, como a própria força de vontade, valorização e interesse nos estudos por parte dos jovens, consciencializando de que é o único meio para alcançar o tão desejado sucesso;

⁷³ Quivy e Campenhoudt (1998) – Manual de Investigações em Ciências Sociais

3. Por outro lado é de extrema importância que a escola valorize a cultura e a identidade desses jovens, pois isso contribuirá para a confiança e a auto-estima, facilitando a sua aprendizagem;
4. Além disso envolver todas as potências educativas, desde a família, escola á entidades educativas (Estado, associações, organizações, etc.) torna-se bastante valoroso na integração e/ou reintegração dos alunos imigrantes.

3.4. – Objecto e objectivos da investigação

O objecto do trabalho vai de encontro ao que diz respeito a inserção escolar e social dos jovens filhos da segunda geração de imigrante na sociedade portuguesa fortificando o processo de integração na sociedade e no mercado de trabalho.

1. Identificar os problemas e reconhecer as causas das dificuldades de aprendizagem e de adaptação dos alunos cabo-verdianos nas escolas;
2. Com base nas entrevistas, dos depoimentos e dos documentos perceber a causa, a possível origem do sucesso escolar proveniente desses jovens;
3. Conhecer as medidas estabelecidas pelos agentes educativos (família, escola, associação) de forma a garantir a estabilidade escolar das crianças e dos joven

Capítulo IV – Bairro da Cova da Moura

4.1. – Breve caracterização do bairro Cova da Moura

O bairro da Cova da Moura situa-se no concelho de Amadora é um dos bairros mais antigos na área metropolitana de Lisboa, caracterizado como sendo um bairro degradado e problemático surgiu nos anos 40 como a construção de primeiras barracas.

Foi na década de 60 que chegaram os primeiros moradores do Bairro da Cova da Moura, foi quando se deu a 1ª vaga de imigrantes cabo-verdianos, mas foi precisamente na década de 70, com a revolução de 74, com a libertação das colónias, com a vinda dos retornados que aumenta o número de imigrantes PALOP, sobretudo os imigrantes cabo-verdianos.

Estes imigrantes chegaram para trabalhar no ramo da construção civil, na época com o crescimento económico do país havia mais trabalhos no ramo construção civil na área metropolitana de Lisboa e pelo bairro situar-se numa zona de fácil acesso ao meio de transportes e no centro de Lisboa começaram a construir a vida deles no bairro.

Estima-se que o bairro actualmente tem cerca de 5000 habitantes onde cerca de mais de 50% da população é Africana, onde a maior parte são de origem cabo-verdiana.

4.1.1 - Associação Cultural Moinho da Juventude

A Associação Cultural Moinho da juventude surgiu em 1 de Novembro de 1984 de uma reunião feita na rua pelos moradores com o objectivo de lutar pelos saneamentos básicos nas casas. Hoje a associação assume como um projecto comunitário que desenvolve várias actividades sociais, culturais, educativas e económicas e que envolvem todas as faixas etária desde crianças á adultos.

4.2. – Analise dos entrevistados

4.2.1 - Dados de caracterização dos entrevistados

Durante a escolha dos entrevistados tive a preocupação em escolher jovens que pelo menos estivessem a estudar o 12º ano ou que tivessem a estudar no momento para a sua conclusão. E durante o estudo conclui que a maioria dos meus entrevistados tinham uma formação superior, e inclusive dois estão no último ano do mestrado. Assim foram realizadas 8 entrevistas, onde 5 são licenciados, das quais 2 estão a tirar o mestrado e apenas os restantes 3 concluíram/ estão a concluir o 12º ano.

Entrevistados	Género	Idade	Estuda ainda?	Ano de escolaridade?	Até que ano estudou?
Nº1	Masculino	26 anos	SIM	Mestrado	-----
Nº2	Masculino	29 anos	NÃO	-----	Licenciatura
Nº3	Masculino	30 anos	SIM	12ºano	-----
Nº4	Masculino	28 anos	SIM	Mestrado	-----
Nº5	Feminino	30 anos	NÃO	-----	Licenciatura
Nº6	Feminino	31 anos	NÃO	-----	Licenciatura
Nº7	Feminino	24 anos	NÃO	-----	12º ano
Nº8	Feminino	26 anos	NÃO	-----	12º ano

Tabela nº 1, capítulo IV: dados de caracterização dos entrevistados

4.2.2 – Seio familiar

No seio familiar conclui que os jovens praticamente não sentavam com os pais para estudar. Estavam entregues a si, porque os pais para além de não terem disponibilidade, por trabalharem imenso para o sustento da família, não tinha muita capacidade para acompanhar os filhos nos estudos. Muitos pais eram ausentes e em alguns casos eram famílias monoparentais, onde apenas a mãe e os irmãos constituíam a família.

Um entrevistado durante a entrevista comentou que “os pais africanos normalmente têm um pouco de dificuldade em acompanhar os filhos na escola, se o miúdo tem algum talento para escola eles deixam andar, mas se vêem que não, tiram logo do estudo e põe a criança a trabalhar, a maior parte é assim, mas há sempre excepções...”

E basicamente foi mesmo isto que constatei que apesar de apoiarem e de incentivarem, aquele tempo que a criança precisava pelo menos nos primeiros anos de escola a maior não foi disponibilizada por parte dos pais.

Entrevistados	Os seus pais incentivam-lhe nos estudos
Nº1	Não me incentivaram tanto, sempre mostrei capacidade e vontade, então deixaram andar, por eles ia trabalhar assim que terminasse o 12º ano.
Nº2	A minha mãe nunca me impôs nada mas sempre me ensinou o valor da escola, eu também sempre gostei da escola o ajudou também um

	pouco.
Nº3	Sempre incentivaram-me. Quando abandonei a escola, foi por opção minha mas os meus pais ficaram chateados...
Nº4	Sim, sempre incentivaram-me
Nº5	Eu vivi sempre com a minha mãe, ela sempre me incentivou e sempre mostrou o quanto era importante estudar para ter um futuro melhor.
Nº6	Incentivam de uma forma inconsciente, perguntavam por alto mas não sentavam e disponibilizavam aquele tempo de forma consciente para perguntar como as coisas andavam.
Nº7	Sim a minha mãe faz questão que os filhos estudem para que tenham uma vida melhor do que a dela.
Nº8	Já no fim quando faltava uns anos para terminar o 12º ano a minha mãe quis que fosse trabalhar para ajudar no sustento da casa mas os meus irmãos intercederam ao meu favor e apoiaram me nos estudos.

Tabela nº 2, capítulo IV: Incentivo dos pais na escola

Entrevistados	Os pais tinham tempo e capacidade para lhe acompanhar nos estudos?
Nº1	Não, porque eles sempre trabalharam por conta própria e não tinham tempo nenhum
Nº2	O meu pai não vivia comigo, a minha mãe e a minha avó que viviam comigo... Mas sempre estudei sozinho, era viciado na leitura...
Nº3	Não muito infelizmente, o meu pai neste caso só chegava a casa a noite e a minha mãe não sabia ler nem escrever.
Nº4	Isso não, porque na altura eles eram comerciantes e viajavam muito e sempre passei mais tempo com os meus tios e eles que me acompanhavam mais nos estudos.
Nº5	Viviam com a minha mãe, e ela sempre ajudava-nos (eu e meus irmãos) e incentiva-nos nos estudos, tínhamos algumas regras á cumprir, havia horas de estudos e hora para brincar.
Nº6	Não posso por em causa a capacidade deles mas o tempo em si era limitado porque a minha mãe trabalhava imenso e o meu pai era ausente.
Nº7	Eu vivia coma minha mãe e minha avó. Estudava sempre sozinha, na primária não tinha dificuldades em perceber a matéria mas a partir do 7º ano houve mais dificuldade mas mesmo assim sempre estudei sozinha.
Nº8	Não convivia com o pai, a minha mãe não tinha muito tempo, eu estudava sozinha praticamente e as vezes com alguns colegas.

Tabela nº 3, capítulo IV: Capacidade dos pais em acompanhar os estudos

Entrevistados	Escolaridade do pai e da mãe	Profissão do pai e da mãe
----------------------	-------------------------------------	----------------------------------

Nº1	Pai e mãe ensino básico	Pai Empresário, mãe fiel de armazém
Nº2	Pai 12º ano mãe 8º ano	Mãe empregada de limpeza, pai era camionista
Nº3	Pai 4º ano mãe não estudou	Estão reformados, pai era cantoneiro da limpeza da mãe era doméstica
Nº4	O meu pai e minha mãe têm o ensino secundário	Pai é empresário no ramo, Mãe comerciante em Cabo Verde.
Nº5	Mãe tem o ensino básico mas fez um curso de enfermagem.	Mãe foi enfermeira durante muito tempo mas do momento é ama.
Nº6	Pai e mãe 4ª classe	Pai construção civil, mãe empregada domestica
Nº7	Pai não sei, não convivia com ele, mãe 6º ano	Pai faz biscates, mãe domestica
Nº8	Pai não sei, mãe 4º ano.	Pai já faleceu, mãe cozinheira.

Tabela nº 4, capítulo IV: Escolaridade e profissão dos pais

4.2.3 - Na escola

O que podemos reparar aqui na tabela é que a maior parte dos professores não valorizava tanta a cultura dos jovens. A maioria já se sentiu de certa forma excluído e/ou discriminado, não só pela escola, pelo sistema de ensino mas pelos próprios educadores.

Entrevistados	Os professores valorizavam a sua etnia/cultura?	Alguma vez sentiu-se excluído (a) ou/3 discriminado (a) na sua escola?
Nº1	Nunca senti nada de diferente	Não, nada de especial
Nº2	Não, muitos professores são racistas.	Nunca senti excluído, fui excluído. Mesmo nas matérias já sentia-me discriminado...
Nº3	Nunca tive nenhum episódio que sentisse notado algum desrespeito pela minha cultura.	Sempre tive uma relação saudável com todos, pessoalmente nunca senti-me excluído.
Nº4	Apenas uma valorizava, com era um aluno com um bom desempenho escolar talvez por isso	Pelos colegas não, mas pelos professores fui muito segregado.
Nº5	Não	Não me sentia excluída, sempre

		tive bem integrada mas não sentia que trabalhasse bem a cultura dou outros como hoje se trabalha
Nº6	Não valorizavam a minha cultura, de todo, pelo contrário, partiam logo do princípio que nós os africanos tínhamos dificuldades	Não, nunca. O sentimento de discriminação que tenho foi sempre em relação aos outros, experiencia que os outros viveram e transmitiram a mim
Nº 7	Nem se coloca a questão porque não se falava sobre isso.	Na sala de aula dava para sentir sim. Foi discriminada pelo meu professor de educação física, dava para ver a diferença de tratamento com um aluno branco e um outro negro.
Nº8	Alguns professores valorizavam a minha etnia mas outros nem por isso.	Discriminada não só pela cultura, pela cor mas também pelo bairro onde morava, isto funciona como quando vais a procura de um trabalho ou de uma casa, a partir do momento que ficam a saber que vieste da Cova da Mora ficam logo com um pé atrás.

Tabela nº 5, capítulo IV: Professores nas escolas

Entrevistados	Os seus professores transmitiam de forma explícita a matéria?	Sentia dificuldades em perceber as matérias?
Nº 1	Sim, como cresci aqui e sempre falei português nunca senti nenhuma dificuldade...	Não, raramente estudava em casa, apanhava nas aulas, nisto que eu baseava-me para ir fazer os teste e safava me sempre.
Nº2	Sim, muitos explicam muito bem.	Sempre aprendia rápido... Nunca tive dificuldades...
Nº3	Alguns professores conseguiam transmitir de forma explícita mas nem todos...	Tinha as vezes alguma dificuldade numa matéria ou outra mas no geral conseguia absorver bem a matéria ...
Nº4	Em questão de transmitir as matérias apanhei bons e maus, mesmo aqueles que eu tinha conflitos com eles explicavam	Não sentia, era um bom aluno.

	muito bem...	
Nº5	Sim, sinto que sim, nunca senti que não conseguissem transmitir a matéria.	Nunca senti muita dificuldade em perceber os professores, apesar de sempre ser retraída e ficar no meu canto.
Nº6	Nunca tive dificuldade em interpretar a matéria.	Eu sempre percebi mas sou apologista de que as matérias devem ser dadas de uma forma dinâmica e questionava o facto de os professores serem metódicos.
Nº7	Sim, a maioria sim.	Acho que não, apor acaso não tinha nenhuma matéria que tivesse tanta dificuldade em apanhar as matérias.
Nº8	Sim, não tinha grandes dificuldades em perceber o que transmitiam.	Sim, como nasci cá não tinha muitos problemas em interpretar a matéria, mas quando estudei a noite via que muitos dos alunos que vinham de Cabo Verde tinham dificuldades.

Tabela nº 6, capítulo IV: Professores nas escolas 2

Todos os entrevistados valorizam um bom ambiente escolar como sendo a melhor arma para a concentração do aluno para que possa atingir resultados positivos na escola. Quando se fala no ambiente escolar esses referem não só ao ambiente exterior, os materiais escolares necessários para aprendizagem da criança, uma sala limpa e uma boa relação com colegas e professores, mas também o ambiente interior, uma criança que traga a mente saudável desde casa, um professor que crie auto-estima na criança, que a valorize e crie expectativas nela para que ela possa corresponder.

Entrevistados	A escola tem feito um bom trabalho em torno dos alunos com mais dificuldades escolares?	Um bom ambiente escolar pode ser propício na contribuição no desempenho escolar de um jovem?
Nº1	Sim, também os monitores da Associação do Moinho da Juventude vão muito às escolas, há sempre uma ligação entre a escola e a associação.	Sim claro, acho que sim, porque é essencial...

Nº2	Isso não sei dizer, mas tenho uma opinião crítica acerca do manual escolar, é muito violento para as crianças africanas, arrebenta com a auto-estima da criança africana.	Claro, uma criança deve ir a escola para se sentir bem, as escolas aqui são espaços de segregação.
Nº3	A escola tenta fazer o melhor que pode mas quando não há um apoio por parte da família a escola sente-se um bocado impotente.	Sim, sem dúvida, uma criança com um bom ambiente em casa, quando sente-se incentivada torna-se muito mais fácil ter bons desempenhos escolares .
Nº4	Acho que falta muita coisa a ser feito, notamos que os professores mais novos são mais abertos a colaborarem e a tentarem preencher o espaço na escola.	Sim, sem dúvida, é o essencial.
Nº5	Não é fácil só as escolas darem, porque as escolas dependem muito do Ministério da Educação, as necessidades das crianças são muitas.	Sim, concordo plenamente e ajuda bastante.
Nº6	Não acredito que estejam a fazer, é a percepção que tenho, não fiz nenhum estudo sobre isso, mas o que eu vejo é que a escola não está preparada para esta mutação que houve agora na sociedade.	Claro que sim sem dúvida alguma, um ambiente escolar onde o jovem se sente integrado se sente bem recebido e apoiado. A partir do momento que crias expectativas em uma criança ela vai tentar corresponder a essas expectativas.
Nº7	Em alguns casos, que eu vejo não me parece porque há miúdos que ficam esquecidos, ma também não sei se passa só pelo professor essa tarefa mas acho que também através do sistema do ministério da educação	Sim completamente, se tu não tiveres um ambiente saudável que consigas focar nos estudos, houver coisas que te distraiam exteriormente e problemas na escola/casa que te distraia interiormente, esquece!
Nº 8	Antigamente não, muitos não sabia lidar com os alunos vindo dos bairros, actualmente estão a saber lidar melhor com esses alunos “especiais”.	Sim sem dúvida, quer em termos de ensino como o ambiente com os colegas e professores e o ambiente em casa.

Tabela nº 7, capítulo IV: Seio escolar

Ainda há muita contradição no que diz respeito da formação contribuir para a passagem com sucesso escola ao mercado de trabalho dada a situação actual do país, ainda que haja contradição todos concordam que a escola garante um futuro melhor e que é primordial estudar, até os mais críticos da escola são apologistas de que o ensino é muito importante estudar.

Entrev.	A formação é garantia de uma passagem com sucesso ao mercado de trabalho?	A escola é o instrumento de integração, por excelência?	O estudo garante um futuro melhor?
Nº1	É essencial, é importante ter formação...	Sim é o principal...	Exactamente, o estudo sempre foi assim...
Nº2	Há 15 anos atrás sim, hoje em dia há muitos doutorados desempregados... não há mercado de trabalho...	A escola devia ser um espaço de diversidade e de respeito... comunicar e saber fazer essa ponte, de estabelecer essa comunicação e praticar trocas de saberes.	Sim estudar é muito importante, mas no meu ponto de vista há muita coisa que garante um futuro melhor, não é apenas a escola.
Nº3	Apesar da situação do país é sempre uma mais-valia, apesar de não ser garantia, torna-se mais facilmente pode inserir-se no mercado de trabalho no futuro.	Sim, sem dúvida.	Sim, pode se ambicionar para um futuro melhor, embora dependa de vários factores, o factor sorte, mas sim tem uma grande influência.
Nº4	Isso é uma das questões que se discute muito, está provado que por mais precariedades que exista no mercado laboral as pessoas com formação são as primeiras opções e as pessoas com menos formação são as primeiras descartadas.	Isso depende das pessoas, depende da escola que a pessoa estudou, porque a escola também tem o seu mecanismo oculto...	Não só para ter um emprego mas primeiro por satisfação pessoal, de conhecer novo mundo novas coisas.
Nº5	Com sucesso não, é que	Acho que não é por	Sim, como te disse se

	hoje em dia não é garantia para nada, ajuda num futuro melhor mas garantias não se pode dar.	excelência, apoia bastante, é um marco importantíssimo para a criança para a estrutura para o adolescente e para os mais velho mas não pode ser por excelência	houver mais ferramentas consegues la chegar. Vais utilizando as ferramentas na vida adaptando a cada situação que te aparece.
Nº6	Não são garantias efectivas, não é por teres uma formação que estas a 100% segura de que vais entrar no mercado de trabalho, mas claro que ajuda mesmo para que não sejas oprimida.	Totalmente, a 100%.	Sem dúvida alguma.
Nº7	Completamente, se tiver boas bases de ensino e o mínimo de conhecimento do que vou fazer, conseguirei obter mais sucesso na minha função, serei mais competente no que vou exercer.	Depende, alguns casos sim. Depende de pessoa para pessoa, há quem tenha escola e tenha dificuldades em integração. A integração não tem só a ver com a escola. Mas tendo conhecimento é mais fácil.	Acho que deveria ser mas não acontece, actualmente não é uma garantia, há 15 anos atras havia empregos fixos hoje em dia isto não acontece.
Nº8	Com a escola é tudo mais fácil, a escola tanto serve para integrar com para afastar, depende do ponto de vista onde estamos a ver a escola. Hoje em dia até mete-se habilitações a menos no curriculum porque os empregadores dizem que tens habilitações a mais para o cargo que vais exercer.	Sim, sem dúvida nenhuma. Uma pessoa com conhecimento tem um desenvolvimento de raciocino maior e conseguem-se integrar-se mais facilmente em vários meios.	Sim, garante.

Tabela nº 8, capítulo IV: Seio escolar 2

Apesar de constatarmos que os pais estavam sempre ausentes por causa do trabalho ou por não terem capacidade para acompanhar os filhos na escola, a maior parte desses jovens disseram que só conseguiram terminar a escola graças ao incentivo e ao apoio dos pais e acrescentam que a estrutura familiar de uma criança é muito importante para que esta consiga concluir os seus estudos.

Entrevistados	Acha importante ter estudado?	Porquê acha que conseguiu estudar até mais tarde que a maioria das pessoas aqui?
Nº1	Sim, os estudos foram muito importantes para mim...	Como tive os pais sempre muito presente não me deixaram desviar muito e como também mudei um pouco de ambiente...
Nº2	Claro que é importante, os jovens devem ir a escola, mesmo olhando-a de uma forma crítica, devem ir aprender e evoluir, não se pode ficar parado	Acho que tive mais sorte, não por ser mais inteligente do que eles mas porque nunca desisti, não deixei de acreditar, pus na cabeça que tinha que conseguir.
Nº3	Sim sem dúvida	Acho que foi porque fui influenciado pelos meus pais, também o ambiente em casa, as companhias e também o meu querer.
Nº4	Sim, sem dúvida alguma.	Isto tem muito a ver com a estrutura familiar onde o indivíduo está inserido e a própria estrutura da escola de como os alunos são recebidos.
Nº5	Sim, e eu sempre acreditei nos meus estudos, dediquei-me à escola, acho muito importante e digo a toda a gente, é importante e devem estudar.	Persistência, era o que eu queria, para além da minha mãe estar sempre em cima a dar apoio também foi muito o meu querer.
Nº6	Sem, dúvida alguma. É um bocado do que já disse para a tua autodefesa, para a tua formação como pessoa e porque é importante	Na secundária achava que a faculdade era um bicho-de-sete-cabeças, mas depois pensei “porquê não investir mais uns anos da minha vida numa

	adquirir conhecimentos.	formação para depois poder trabalhar em o que eu gosto?”
Nº7	Sim claro que sim, se não estudares tens que sujeitar ao que há, mas estudando tens mais hipóteses.	Acho que foi o pensamento de seguir o percurso da vida, estudar para poder trabalhar e ter a minha vida... também porque a minha mãe sempre quis que eu estudasse para ter um futuro melhor do que o dela
Nº8	Sim é muito importante, adquire-se conhecimento, muitas pessoas que não sabem ler nem escrever muitas das vezes são enganadas por quem sabe e por isso é importante uma pessoa ser alfabetizada, é importante adquirir conhecimento	Muitos pararam para ajudarem as famílias, eu consegui estudar porque os meus irmãos apoiaram-me muito, quando a minha mãe disse que tinha que parar a escola para ir trabalhar para ajudar em casa, os meus irmãos apoiaram-me, então trabalhava durante o dia e estudava a noite.

Tabela nº 9, capítulo IV: opinião sobre a escola

4.2.4 - Sociedade/cultura

Entrev.	No bairro onde moras valorizaram a escola e a instrução tanto como tu?	Identifica-se com a cultura portuguesa, cultura cabo-verdiana ou ambas?	Considera-se Português (a), Cabo-verdiano, ou (a) Ambos (as)?
Nº1	Na altura não, que eu me lembre nenhum dos meus colegas do ensino básico, entrou na faculdade	Sou cabo-verdiano... não existe nenhuma crise de identidade	Considero me mesmo cabo-verdiano, apesar de ter vindo pequenino...
Nº2	Não sou a pessoa certa para responder isto, se calhar muitos querem estudar mas não podem...	Cultura cabo-verdiana, a identidade é o que sentes... e eu sinto me cabo-verdiano...	Cabo-verdiano, claro.
Nº3	Neste momento as pessoas têm ganho essa consciência da importância da escola e devido	Ambas	Considero-me cidadão do mundo, gosto de viajar, de

	a tudo que se tem passado, vão vendo que a escola é importante		explorar outras culturas e partilhar a minha.
Nº 4	As pessoas valorizam, mas há este problema ainda, que é necessário resolver, não existe ainda uma larga escala, um exemplo para a geração seguir.	Cultura cabo-verdiana, mas também absorvi a cultura portuguesa em termos de música e gastronomia.	Considero me cabo-verdiano
Nº5	São poucos os que fizeram a faculdade realmente porque decidiram trabalhar entre tanto queriam garantir um futuro mais rápido.	Sou uma aculturada, a minha avó é cabo-verdiana, nasci em São Tomé e cheguei em Portugal pequena...	Como nasci em São Tomé considero-me santomense.
Nº6	O desempenho escolar está a quem do que eu gostaria que estivesse, é preciso fazer um trabalho enorme neste sentido de auto crítica de reflexão para saberem o que realmente querem para as suas vidas.	Ambas.	Cabo-verdiana.
Nº7	Acho que a maioria acaba por ir ao encontro do que eu fui, acho que é mais os pais que dizem “tens que estudar para teres um futuro melhor do que o meu” e os miúdos vão para escola com este sentimento.	Ambas.	Cabo-verdiana.
Nº8	Alguns valorizam a escola, cada um pensa da sua maneira e vê as coisas da sua forma, e têm a sua vida. Alguns começam a trabalhar mais cedo não por opção mas sim por terem responsabilidades e a escola acaba por ficar em 2º plano.	Ambas.	Cabo-verdiana.

Tabela nº10, capítulo IV: Sociedade/ cultura

4.2.5 -Perspectivas para o futuro

A maioria dos entrevistados pensam em continuar os estudos, uns desejam estudar mais do que outros, outros têm outros projectos em mente, mas de uma forma geral ondes ambicionam estudar e adquirir cada vez mais conhecimento.

Entrev.	Pensa em continuar os seus estudos?	Qual a profissão que gostaria de seguir?
Nº1	Ainda não sei, são planos para o futuro ainda...	Formei-me em engenharia mas neste momento trabalho na empresa do meu pai.
Nº2	Eu vou até o doutoramento mesmo! Não vou parar! Pretendo estudar Ciências cognitivas	Quero exercer uma profissão na área da comunicação, percepção, ramo de psicologia, linguística, sociologia, são ramos que eu gosto.
Nº3	Sim sinceramente sim... Pretendo seguir a área da comunicação	Na área da comunicação, se futuramente licenciar-me em algo do género não descartava essa hipótese.
Nº4	Já tenho um convite para um doutoramento na Alemanha mais ainda estou a pensar... penso seguir a área da educação e sociologia.	Nessa área da pedagogia.
Nº5	Sim quero, queria fazer o mestrado em dança e educação, apesar de não ter muita técnica fiz um curso de dança na comunidade.	Professora, mas gostaria muito de fazer algum projecto, algum trabalho ligado a educação e a dança mais estrutural
Nº6	Penso, estava a frequentar o mestrado entretanto tive que desiste em prol de um bem maior para mim naquele exacto momento, mas deixei de lado para voltar mais tarde.	Eu o que eu gostaria mesmo e que na altura foi um erro não ter tirado, é o direito. Ser advogada ou juíza.
Nº7	Sim quero fazer, estou em constante mudança, já pensei ir para área da psicologia, advocacia, arquitectura... mas ainda estou a pensar, não tenho nenhum foco.	Acho que gostaria de seguir a área da costura, da moda, mesmo não tirando uma formação nesta área pretendo fazer algo nesta área. Mas vejo-me mais na área da animação vou fazendo uma ligação entre estas

		áreas.
Nº8	Eu penso, num futuro longínquo talvez, vejo-me a fazer um curso de administrativa.	Na área da administração, adoro a ideia de trabalhar em escritórios, com papeladas.

Tabela nº11, capítulo IV: Perspectivas para o futuro

4.3.6 - Papel da Associação Cultural Moinho da Juventude no bairro Cova da Moura

Segundo os entrevistados, muitos pais imigrantes vêm para cá trabalhar a procurar de melhores condições, por tanto a maioria deles trabalha para construírem uma casa no país de origem e todo o dinheiro que eles ganham é investido nisso e depois o que acontece é que investem tanto nisso e depois acabam por esquecer de investir na educação da sua criança. Então associação também aparecer no sentido de apoiar essas crianças para que não sentissem desamparadas na ausência dos pais.

A associação não rege apenas na ocupação dos tempos livres mas dar o apoio escolar necessário para as crianças, trabalham com muitos voluntários por não terem verbas, nem financiamento que chegue para as 180 crianças que abordam o sistema. Para além de trabalharem com as crianças na associação, trabalham com as escolas ao redor do bairro, asseguram o apoio escola-família fazem a ponte entre a escola e os pais, para os pais que não têm tempo de irem a escola mas também sem tirar o papel dos pais e mostrando sempre que é importante que estejam mais presentes na escola, saberem dos filhos.

Dão o apoio escolar, actividades culturais como o desporto também, tudo isto faz parte do crescimento e da aprendizagem de uma criança. Tem ligação com as escolas, tem mediadores socioculturais nas escolas que vão a associação, trabalham com assistentes sociais tanto da escola com da associação, têm bons protocolos,

A associação tem vários departamentos, biblioteca infantil, biblioteca para adultos, cresce, CATLE, jardim-de-infância, ATL, sala de computador, espaço jovem, espaço multi-uso, apoio a encontro de emprego, tem o apoio escolar, actividades lúdicas, tem atletismo, dança, basquete, capoeira, futsal, estúdio, informática, têm várias actividades

envolvidas, tem o “bem passa ku nos” que tem ligação com o CATLE. A nível de curso de formação profissional tem dois curso a decorrer, uma de logística e o outro de informática que da equivalência ao 12ºano.

Depois vários outros pequenos cursos a nível do painel solar, painéis térmicos, tem o curso de inglês, alfabetização, isto já é mais para pessoas com mais de 18 anos... tem a sala inter-geracional sobretudo para pessoas idosas mas onde as crianças podem comunicar e trabalha em conjunto com eles. Depois consoante a proposta haverá mais actividades. O que se faz muito também são excursões, intercambio entre outras actividades.

Resumindo e concluindo a associação tem dado uma óptima resposta a comunidade, tem feito um bom trabalho em torno destas crianças e desses jovens. É muito importante que em cada bairro haja uma associação que acompanhe essas crianças, jovens e é importante que os projectos sejam inteiramente apoiados por parte dos governos e que apostem cada vez mais nessas iniciativas de forma que haja cada vez mais associações a darem este tipo de resposta as comunidades.

Conclusão

Tendo em conta as quatro análises hipotéticas, as duas primeiras se verificaram mas as outras duas não se verificaram por completo, uma vez que mediante os estudos concluiu-se que em primeiro lugar embora um ambiente escolar saudável seja necessário para a aprendizagem da criança, as crianças da comunidade não se sentem bem integrados na escola. Para os entrevistados os professores não apostam nas crianças não criam expectativas perante a criança. Pois ao criar expectativa numa criança, ela vai tentar demonstrar a sua capacidade ou tentar corresponder a essas expectativas demonstrando que realmente tem capacidade para tal.

Mas o que se vê aqui é que a escola não cria expectativas em relação aos jovens porque já no início das aulas os professores já tem um diagnóstico pré elaborado acerca dos alunos, carimbando-os pela sua etnia ou pelo bairro de onde vêm. Criando estigmas e limitando-os na sua interação e na sua dinâmica nas aulas. Esse carimbo aplica-se também quando esse jovem sai do bairro e vai a procura de um trabalho ou de uma casa para alugar.

No que diz respeito ao último ponto da hipótese não correspondida, o que se verificou foi uma envolvimento deficitária por parte das potências educativas, no que toca no acompanhamento dos agentes familiares na vida escolar dos jovens, dado a falta de tempo e incapacidade na percepção da matéria. Quanto às políticas educativas aplicadas nas associações, o que se conclui no estudo realizado é que tem sido um pouco a desejar por parte da comunidade, dado que a educação é um factor importante, não tem-se apostado muito na educação, a nível de investimento nos professores que trabalham nestas comunidades e nas associações que trabalham directamente com essas escolas e com esses alunos que precisam de apoio.

No âmbito da pergunta de partida, “De que forma, um grupo de jovens descendentes da segunda geração de imigrantes cabo-verdianos sujeitos a uma característica deficitária socio-escolar conseguiram dar uma resposta positiva aos seus percursos escolares?”, verificamos que cada um dos entrevistados teve um percurso de sucesso escolar diferente, cada um teve uma situação pontual na sua vida que lhe permitiu prosseguir com os estudos até mais tarde que os outros. Uns porque mudaram de zona e foram influenciadas por pessoas de onde o discurso escolar era outro, outros porque

acreditaram nos seus estudos e não desistiram, outros foram influenciados pais, o ambiente em casa, pela estrutura familiar, as companhias, o querer e a determinação, foram factores que ajudaram com que esses jovens fossem mais longe que a maioria nos estudos.

Durante a reflexão da análise teórica deparamos com uma situação um pouco contraditória... Foi-lhes feita a pergunta “Porque acha que conseguiu estudar até mais tarde que a maioria das pessoas aqui?”

Apesar dos pais estarem sempre ausente a trabalhar de noite e de dia, não disponibilizarem algum tempo para acompanhar os filhos na escola e sentirem-se limitados por não terem capacidades para acompanhar os filhos nos estudos e até houve pais que chegaram a dizer aos filhos que abandonassem a escola e que fossem trabalhar, apesar dessas situações, todos disseram que o que fez com que conseguissem terminar os estudos, foi o apoio da família e a estrutura familiar.

Agora a pergunta que faço é como poderá um pai influenciar de forma positiva o seu filho na escola sabendo que, não disponibiliza o seu tempo para o acompanhar nos estudos, não tem capacidades e que ainda o tenta o influenciar a abandonar a escola?

Segundo a Lieve, uma das entidades da associação, os pais da Cova da Moura não tiveram oportunidade em estudar, muitos fizeram apenas a 4^a classe. Isso tudo tem consequências e influência a nível de estar e de ser das crianças, porque um pai e uma mãe que fez faculdade conseguiram proporcionar os seus filhos a nível de livros a nível de interesse, e ao olharmos para os pais que não estudaram torna-se muito mais difícil proporcionarem os filhos a nível de livros e de interesses pela escola por isso torna-se bastante limitado neste sentido... Não estimulam o filho a ir mais longe na escola, porque eles próprios não foram a faculdade então torna-se mais difícil estimularem os filhos e isto também tem consequências psicológica nas crianças por não ter o estímulo na parte dos pais.

Com base nessa logica como pode então um pai criar estímulos ao filho mesmo que seja de uma forma indirecta para que este progrida com os estudos?

Dando continuidade a esta linha de pensamento, acho que seria pertinente fazer a realização de mais entrevistas tendo em conta opiniões de mais entidades envolvidas no ensino, principalmente os professores que lidam diariamente com esses jovens

porque é importante tentar perceber o outro lado, as limitações dos educadores que lidam com essas crianças. Fazer entrevistas com mais jovens e tentar então perceber a nova questão que surgir no acto da conclusão do estudo.

No que diz respeito as medidas aplicadas, achamos que ainda há muito trabalho a fazer por parte da escola, quando faz-se referencia a escola refere-se um pouco também às políticas educativas. Começando pelos profissionais da educação presentes nas comunidades que lidam com crianças inseridas num meio problemático.

Através do estudo constatou-se que é preciso mais paciência por parte dos professores para com esses alunos, pois não percebem bem a realidade dos jovens, alguns são problemáticos, outros têm dificuldades em casa, o que pode causar um comportamento mais agressivo e os professores como desconhecem um pouco a realidade dos alunos, ainda não sabem lidar com esses alunos que requerem uma atenção especial.

Para o educador Jonhson Semedo devia haver um mediador intermédio dentro das escolas. Havendo uma via que apoiasse os professores. Para Jonhson Semedo um professor para além da sua formação académica, também deve ter uma formação extra para trabalhar com essas situações complicadas, e está formação já não tem muito a ver com a escola, tem a ver com comportamento, sentimentos, como podemos chegar nessas crianças.

Existem muitas crianças que vão a escola e os professores não tem a capacidade de perceber o que se passou com essa criança e carimbam-na logo como sento mal-educada e as vezes o problema é mais profundo, por vezes ela vê o pai a bater na mãe, vê o irmão a ser espancado, passa fome, passa dificuldades e chega á escola e as vezes nem quer saber da matemática, do português, ela quer expulsar o sentimento negativo que não consegue expulsar no seio familiar, então para todos os intervenientes devia haver uma outra politica de intervenção nesta área também.

Referências Identificada

Abrantes, Pedro (2003); Os sentidos da Escola: Identidades Juvenis e Dinâmica de Escolaridade; Oeiras: Celta editora

Almeida, João F. F. (1993); “Integração Social e Exclusão Social: Algumas Questões”, Revista Análise Social, 123-124, pp. 829-834

Almeida, João F. F. (1997), Exclusão Social: Condições e Domínios de vulnerabilidade, Categorias Sociais e Modos de Vida, Jornadas “Exclusão Social”, Coimbra (comunicação)

Alves, Natália e Canário, Rui (2004), “Escola e Exclusão Social: Das Promessas às Incertezas” Análise Social, vol. XXXVIII (169) pp. 981-1010

Baganha, Maria Ioannis; Ferrão, João; Jorge e Magalhães (2002), Os Movimentos Migratórios Extensos e a sua Incidência no Mercado de Trabalho em Portugal, Estudos e Análises 14.

Batalha, Luís (2004), “Contra a Corrente Dominante: Histórias de Sucesso entre Cabo-verdianos da 2ª Geração.” Etnográfica 8 (2) pp. 297-333.

Batalha, Luís (2009), Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana, Lisboa: ACIDI, Pedro Góis (org)

Carvalho, Francisco, (2005) “Filhos de imigrantes cabo-verdianos em Portugal. A questão identitária”, Socinova/Migration Working Papers, FCSH-UNL, 28 pp

Casimiro, Elsa (2008), Percursos Escolares de Descendentes de Imigrantes de Origem Cabo-verdiana em Lisboa e Roterdão, Lisboa: ACIDI

EDUCAÇÃO, Ministério da e Ministério da Segurança Social e do Trabalho (2004). Eu não desisto — Plano nacional de prevenção do abandono escolar

Machado, Fernando L. (1994), "Imigração, Etnicidade e Minorias Étnicas em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 24.

Machado, Fernando L. (2003), Projecto de Investigação "Jovens descendentes de imigrantes africanos: transição para a integração ou para a exclusão social?", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

Machado, Fernando L. (2007), *Jovens Como os Outros? Processos e Cenários de Integração dos Filhos de Imigrantes Africanos em Portugal* in *Imigração: Oportunidades ou Ameaça?* Ed António Vitorino, pp. 169-197, Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian e Estoril: Principia

Machado, Fernando L. (2008); "Trajectória socioprofissional de cabo-verdianos e indianos hindu em Portugal" *Travessias, Revista de Ciências Sociais e humanas em Língua Portuguesa*, 6/7: 241-258

Machado, Fernando L. e Abrantes, Maria (2002), "caminhos limitados de integração social. Trajectória socioprofissional de cabo-verdianos e hindus em Portugal" *sociologia, problemas e práticas*, 48:67-89

Machado, Fernando L.; Leal, Sofia e Matias Ana R., (2005), "Desigualdades Sociais e diferenças culturais: Os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos", *Análise Social*, XL (176), pp. 695-714.

Machado, Fernando Luís e Matias, Ana Raquel (2006), *Jovens Descendentes de Imigrantes nas Sociedades de Acolhimento: Linhas de Identificação Sociológica*, Lisboa: CIES-ISCTE, (CIES e-WORKING PAPER, 13) □ livro

Machado, Fernando L. e Matias, Ana R., (2006), “Descendentes de Imigrantes nas Sociedades do Acolhimento: Linhas de Identificação Sociológica”, CIES e-Working paper (13/2006) □ paper

Marques, Margarida M.; Martins, Joana Lopes; Bastos, José Gabriel Pereira e Barreiros, Isabel (2005), Jovens, Migrantes e a Sociedade da Informação e do Conhecimento, A Escola Perante a Diversidade, Lisboa: ACIDI/ Observatório da Imigração

Marques, Margarida M. e Rui Santos (2004), Welfare and Immigrants' Inclusion in a Context of Weak Civil Society: Associations and local politics in Oeiras, in *Urbanism and Globalization*, New York: Peter Lang Publishers, Frank Eckardt e Dieter Hassenpflug, Frankfurt pp.107-129.

Pires, Rui Pedro Pena (1999), “Uma Teoria dos Processos de Integração”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 30, pp. 9-54

Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*, Oeiras: Celta editora.

Pires, Sónia (2000), *A Segunda Geração de Imigrantes em Portugal e diferenças do Percorso Escolar: Os Jovens de Origem Cabo-verdiano versus de Origem Hindu-Indiana*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Coimbra: Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra

Seabra, Teresa (1999), *Educação nas Famílias: Etnicidade e Classes Sociais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.

Seabra, Teresa (2008), *Desempenho Escolar, Desigualdades Sociais e Etnicidade: Os Descendentes de Imigrantes Indianos e Cabo-verdianos no Ensino Básico em Portugal*, ISCTE, Lisboa (Tese de Doutoramento).

Seabra, Teresa (2009), “Desigualdades Sociais e Desigualdades Escolares” Sociologia, Problemas e Práticas, 59 pp. 75-106

Seabra, Teresa e Mateus, Sandra (2010), “Trajectórias Escolares, Propriedades Sociais e Origens Nacionais” Sociologias: Revista do Departamento de Sociologia da FLUO, Vol. XX pp. 411-424

Seabra, Teresa; Mateus, Sandra; Rodrigues, Elisabete e Nico, Magda (2011), Trajectos e Projectos de Jovens Descendentes de Imigrantes à Saída da Escolaridade Básica, Lisboa: ACIDI

Valente, Rosa, Maria, João, Hugo de Seabra e Tiago Santos, (2003), Contributos dos Imigrantes na Demografia Portuguesa, O Papel das Populações de Nacionalidade Estrangeira, Lisboa, ACIME

”A educação é a arma
mais poderosa que você
pode usar para mudar o mundo.”

Nelson Mandela

Agradecimentos

Esta dissertação só foi possível a sua realização devido ao apoio, a disponibilidade e a paciência de várias pessoas das quais não podia deixar de expressar algumas palavras de apreço e reconhecimento.

Começo por agradecer o meu orientador Dr. Rogério Roque Amaro, pela paciência e pelas orientações ao longo destes dois anos que foram cruciais para que a realização dessa dissertação fosse possível.

Agradeço a minha família, ao meu pai José Graça, à minha mãe Filomena Graça, ao meu irmão Marco Graça, ao meu amigo e companheiro Sérgio Casaca que sempre me apoiaram, foram incansáveis, mesmo estando longe deram-me grande apoio e também graças a eles consegui terminar a minha dissertação.

Agradeço a todos os entrevistados do bairro da Cova da Moura e à Associação Cultural Moinhos da Juventude, por disponibilizarem o vosso precioso tempo e por enriquecerem mais a minha dissertação com as vossas preciosas opiniões e depoimentos. Um obrigado especial ao entrevistado Óscar Borges que proporcionou informações chave, de ouro e que se mostrou sempre disponível para me ajudar na conclusão da minha dissertação.

Por fim, mas não menos importante, a todos meus amigos, colegas e professores que estiveram sempre comigo e que me acompanharam ao longo da minha caminhada, que contribuíram de certa forma para a minha grande aprendizagem.

Resumo

Este trabalho pretende analisar a conjuntura da problemática escolar dos filhos da segunda geração de imigrantes cabo-verdianos na perspectiva de poder contribuir de algum modo para a sua resolução. Sabendo que se torna cada vez mais notório um relativo distanciamento entre escola e a comunidade cabo-verdiana e vice-versa, ainda existem bravos exemplos de alunos que conseguiram ultrapassar as dificuldades, construindo assim a fórmula do sucesso escolar. Este trabalho pretende com isso mostrar que existem casos que podem ser espelhados.

A educação e a formação dos filhos da segunda geração de imigrantes constituem elementos indispensáveis à sua inserção na sociedade dominante, podendo constatar que à medida que o nível de educação se reduz, mais difícil se torna a sua integração socio-profissional. É para esse âmbito que direcciono o meu tema porquanto a educação constitui efectivamente um factor proeminente a levar em consideração na integração dos descendentes dos imigrantes.

Palavras-chave: Imigração, filhos de segunda geração de imigrantes, educação, exclusão escolar e social, (in) sucesso escolar e políticas educativas.

Abstract

The aim of this work is to analyze the problematic situation of school children of the second generation of Cape Verdean immigrants in the prospect of being able to contribute in some way to its resolution. Knowing that becomes increasingly apparent a relative distance between the school and the Cape Verdean community and vice versa, there are still brave examples of students who have overcome the difficulties, thus building the formula for success in school. This work, also, intends to show that there are cases that can be mirrored.

The education and training of children of second-generation immigrants are indispensable elements for their insertion in the dominant society, may find that as the level of education reduces the harder it becomes their socio-professional integration. It is to this context that I focus my theme because education is indeed a prominent factor to take into account the integration of descendants of immigrants. .

Keywords: immigration, second-generation children of immigrants, education, school exclusion and social (in) school success and educational policies.

Introdução.....	1
Enquadramento geral	1
Razão da escolha do tema	2
Pergunta de partida	4
Orientação à resposta da pergunta de partida	5
Organização do trabalho	5
Capítulo I- Enquadramento teórico	8
1.1. – Descendentes de imigrantes: inserção, assimilação e ou exclusão	8
1.1.1– Filhos da segunda geração de imigrantes	8
1.1.2– Assimilação cultural/social	10
1.1.3– Da exclusão social à exclusão escolar	12
1.2. – Fenómeno migratório em Portugal	16
1.3. – Principais agentes do sucesso e o insucesso escolar	19
1.3.1– Família	20
1.3.2– Escola	24
• Os principais modeladores sociais	27
1.3.3- Meio/Sociedade	29
1.4. – Políticas Públicas nas áreas da integração, das migrações e do sucesso escolar	31
Capítulo II – Principais Características da Imigração em Portugal	37
2.1. – Portugal – da emigração à imigração e de novo à emigração	37
2.2. – Primeira, Segunda e Terceira Geração de Imigrantes Cabo-verdianos em Portugal - Tendências e Diferenças	40
2.3. – Filhos de Segunda Geração de Imigrantes nas escolas portuguesas.....	46

Capítulo III- Estudo Empírico	48
3.1. – Metodologia	48
3.1.1- Técnicas de recolha de dados	49
3.1.2- Grupo-alvo e território em estudo	50
3.2. – Problemática de investigação.....	51
3.3. – Hipóteses de investigação	52
3.4. – Objecto e objectivos da investigação	53
Capítulo IV – Bairro da Cova da Moura	53
4.1.– Breve caracterização do bairro Cova da Moura	53
4.1.61 - Associação Moinho da juventude	54
4.2.– Análise dos entrevistados	54
4.2.1 - Dados de caracterização dos entrevistados	54
4.2.2 – Seio familiar	55
4.2.3 - Na escola	57
4.2.4 - Sociedade/cultura	64
4.2.5 -Perspectivas para o futuro	66
4.3.- Papel da Associação Cultural Moinho da Juventude no bairro Cova da Moura.....	67
CONCLUSÃO	69
Referências Identificada	72
ANEXO	76

Índice de quadros

Tabela nº 1, capítulo I: Vantagens e Desvantagens da Imigração	18
Tabela nº1, Capítulo II: Fases da imigração em Portugal	40
Tabela nº2, capítulo II: Características da 1ª fase da imigração da 1ª Geração de Imigrantes Cabo-verdianos	43
Tabela nº 1, capítulo IV: dados de caracterização dos entrevistados	55
Tabela nº 2, capítulo IV: Incentivo dos pais na escola	55
Tabela nº 3, capítulo IV: Capacidade dos pais em acompanhar os estudos	56
Tabela nº 4, capítulo IV: Escolaridade e profissão dos pais	56
Tabela nº 5, capítulo IV: Professores nas escolas	58
Tabela nº 6, capítulo IV: Professores nas escolas 2	59
Tabela nº 7, capítulo IV: Seio escolar	59
Tabela nº 8, capítulo IV: Seio escolar 2	61
Tabela nº 9, capítulo IV: opinião sobre a escola	64
Tabela nº10, capítulo IV: Sociedade/ cultura	65
Tabela nº11, capítulo IV: Perspectivas para o futuro	66

Índice de figuras

Figura nº1, do capítulo I: Gerações de imigrantes cabo-verdianos	8
Figura nº 2, do capítulo I: Factores que marcam a vida jovens filhos da segunda geração de imigrantes	9
Figura nº 3, capítulo I: Factores que podem provocar a exclusão social/escolar	14
Figura nº 4, capítulo I: Relação/ligação entre exclusão social e escolar	15
Figura nº5, capítulo I: Os vários motivos da Imigração	19
Figura nº6, capítulo I: Os principais agentes de sucesso/ insucesso escolar	31
Figura nº1, capítulo II – Diferença entre gerações, valores e comportamentos	45

Glossários e siglas

AML – Área Metropolitana de Lisboa

I&D – Investigação e Desenvolvimento

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

ONU – Organizações Das Nações Unidas

PEPT - O Programa de Educação para Todos

PALOP - Países de Língua Oficial Portuguesa

PLNM- Plano do Português Língua Não Materna

SEF- Serviço Estrangeiro e Fronteiras

TEIP- Programa do Território Educativo de Intervenção Prioritária